

INCLUIR



AUTOR DA FOTO: EMEF CHICO MENDES

QUEM FAZ A EDUCAÇÃO ESPECIAL?

AS DIFERENTES CONTRIBUIÇÕES NA GARANTIA DO DIREITO

Prefeitura da Cidade de São Paulo

Ricardo Nunes
Prefeito

Secretaria Municipal de Educação

Fernando Padula
Secretário Municipal de Educação

Minea Paschoaleto Fratelli
Secretário Adjunto de Educação

Daniela Harumi Hikawa
Coordenadora da Coordenadoria Pedagógica

Cristhiane de Souza
Diretora da Divisão de Educação Especial

Diretoria Regional de Educação de Itaquera

Marcia Marques dos Santos
Diretora Regional de Educação

Marlene Xavier Silva
Supervisora Técnica

Simone Ribeiro Mansano
Diretora de Divisão Pedagógica

Dayane Camporeze Rodrigues
Coordenadora do CEFAl



EQUIPE CEFAl ITAQUERA

Coordenadora do CEFAl
Dayane Camporeze Rodrigues

PAAIs

Daniela Lourenço dos Santos
Elaine Lourenço Harmes
Elisângela de Melo Gerez Souza
Janaina Pereira Lima
Karina Leite Rentz
Priscila Tereza Pio
Tatiane Sanches Silva Muradas
Wania Magalhães

PAEES

Adriana Cruz Pereira da Silva
Amanda de Souza Moura Silva
Cristiane Soares Nascimento de Assis
Denise Nascimento Ribeiro
Edson Luiz Plateiro
Elias Marques de Sousa
Eliete Prado
Henrique Conceição Silva Junior
Isoldina Maria Encarnação Vieira Pereti
Juliana Bárbara Camargo
Juliana de Almeida Malta
Juliana Malta
Kátia Oliveira Silva
Luciana Pereira de Santana
Maria Cecília Amicci Bouca Monteiro
Maia Elieide de Oliveira Bombim
Marisa Goi de Oliveira
Nadir Pererira Kolbe
Sandra Regina Petrone Molla
Sonaria Severino Xavier de Souza
Sonia Regina dos Santos Menezes da Silva
Valderez Carvalho
Zenaide Alves Pinto



**DIPED/ CEFAl ITAQUERA
EDITORIAL**

Cinthia Krayuska de Araujo Sousa
Daniela Lourenço dos Santos
Lúcia Ramalho Nunes Munis
Priscila Tereza Pio
Ricardo dos Santos Rodrigues

SUMÁRIO

04 CARTA AOS LEITORES

06 EDITORIAL

07 SEMANA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

09 TESSITUDES SOBRE OS ASPECTOS DA INDISSOCIABILIDADE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

12 AFINAL, QUEM É O DIRETOR DE ESCOLA NA ESCOLA INCLUSIVA?

14 QUEM FAZ A EDUCAÇÃO ESPECIAL?

15 EMEF GOVERNADOR MARIO COVAS

16 EMEF PROF^a MARIA HELENA BARBOSA MARTINS

17 EMEF BRIGADEIRO CORREIA DE MELO

20 COM A PALAVRA OS PAES

21 EMEF BRIGADEIRO CORREIA DE MELO

22 EMEF FRANCISCO ALVES MENDES FILHO

24 EMEF PROF^a CLOTILDE ROSA HENRIQUE ELIAS

25 EMEF BENEDITO CALIXTO

29 CEU EMEF PAULO GOMES GARDIM

30 EMEF AYRES MARTINS TORRES

32 EM TEMPOS DE PANDEMIA, INCLUIR É MAIS QUE NECESSÁRIO, É IMPRESCINDÍVEL

35 TODOS PELA GARANTIA DE DIREITO

36 CIEJA

38 CONTEXTOS QUE FAVORECEM A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

39 EMEI BEGÔNIA REAL

44 EMEI DENISE MERCIER

46 SERVIÇOS DE APOIO NA GARANTIA DA DIGNIDADE

47 PROJETO REDE

48 EMEF BENEDITO CALIXTO

49 PROGRAMA APRENDER SEM LIMITES

51 EMEF BRIGADEIRO CORREIA DE MELO

52 EMEF ROQUETE PINTO

53 NADA SOBRE NÓS SEM NÓS

54 EMEF BRIGADEIRO HAROLDO VELOSO

55 O QUE É A EDUCAÇÃO ESPECIAL E A ESCOLA PARA A FAMÍLIA?

56 CEU EMEF MARIA APARECIDA DE SOUZA CAMPOS

58 AVENTURAS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Carta aos leitores (as)

Educação Especial no Território de Itaquera Quem faz a Educação Especial?

Cruzar fronteiras sempre se constitui numa tarefa difícil e trabalhosa. Os grandes avanços em todas as áreas de uma vida contemporânea forçam todos ao aprimoramento para enfrentar os desafios da Educação Inclusiva, o que exige um esforço coletivo tanto da escola, quanto da família. É vendo a escola como base do processo de ensino aprendizagem que se percebe a relevância da formação. Assim, centraliza-se a importância do/a professor/a, para realização de mudanças nas escolas e êxito da Educação Inclusiva.

A chegada das crianças com deficiência nas escolas regulares trouxe o crescimento da demanda e a ampliação do número de Salas de Recurso multifuncionais. Esse processo provocou a necessidade de repensar os valores que envolveram exclusão e inclusão, atendimento e gestão, currículo e pedagógico. Quando se trata de Educação Inclusiva, a pergunta aponta para a questão da importância da eliminação das barreiras comunicacionais, atitudinais e arquitetônicas.

A proposta da SME/ DIEE - Divisão de Educação Especial está alicerçada no Projeto Pedagógico, no qual todos os educadores se comprometem e são responsáveis pela inclusão do público da Educação Especial, sendo essa uma possibilidade para superar as resistências e operacionalizar ações efetivas que geram mudanças.

A ênfase nas formações e ações de acompanhamento resultam em novas possibilidades em sala de aula com a vantagem de confirmação de intervenções, fazendo-nos repensar as práticas pedagógicas, a garantir avanços nas aprendizagens e suas determinantes em conjunto. Quando olhamos com "olhos de ver", o que está sendo realizado nas salas regulares e nas Salas de Recurso multifuncionais destinadas ao Atendimento Educacional Especializado, com PAEEs (Professoras/es de Atendimento Educacional Especializado), auxílio das AVEs (Auxiliares de Vida Escolar), Estagiárias/os, e os/as PAAIs (Professoras/es de Apoio e Acompanhamento à Inclusão) do CEFAL/DRE-IQ (Centro de Formação e Acompanhamento à Inclusão), em atuação uníssona, percebemos que são funções essencialmente importantes para este avanço. Além disso, é primordial o apoio das famílias neste processo, paralelamente ao acompanhamento das equipes gestoras, na atuação docente nas salas regulares e de recurso multifuncionais. Afinal, estamos fazendo parte de uma história notável, certamente, muito mais importante em relação à transformação deste território.

O compromisso de garantir o acesso e a permanência dos bebês, crianças, jovens e adultos com deficiência e a certeza que podemos juntos qualificar o atendimento é que nos impulsiona a refletir - Quem faz a educação Especial na perspectiva Inclusiva no território de Itaquera?

Marcia Marques dos Santos
Diretora Regional de Educação

Editorial

A Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva rompe com um modelo de Educação que segrega e registra a evolução no acesso e permanência das pessoas com deficiência no Ensino Regular.

Desta forma, a Educação Inclusiva está em consonância com os princípios da Educação em Direitos Humanos ao valorizar a diversidade, potencializar a humanização, o respeito à dignidade humana e a garantia de uma Educação como direito de todos.

O Currículo da Cidade de São Paulo tem como princípio o fortalecimento das Políticas de Equidade, Educação Integral e Inclusiva. Precisamos dar continuidade na constituição de uma escola para todos, que proporcione o desenvolvimento integral dos bebês, das crianças, dos jovens e adultos, eliminando barreiras, em que a matrícula, a permanência e a aprendizagem aconteçam, realmente, sem distinções.

Partindo-se da concepção de que todos os estudantes são sujeitos de direito e que devem opinar e participar das escolhas, precisamos acolhê-los na sua integralidade legitimando sua participação plena. Para tanto, faz-se necessário conhecer as suas aspirações, interesses e necessidades, bem como atentar para as mudanças que ocorrem ao longo do seu desenvolvimento.

Esta revista expõe um trabalho desenvolvido pela DIPED/CEFAI da DRE Itaquera para que esses estudantes tenham seus direitos de aprendizagem garantidos, reconhecendo-se a necessidade de ultrapassar desafios que impedem a aprendizagem, levando em consideração suas peculiaridades, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva, democrática e próspera para todos.

Que esta revista nos sirva de inspiração!

Simone Ribeiro Mansano
Diretora de Divisão Pedagógica



AUTOR DA FOTO: CEFAl

SEMANA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

DAYANE CAMPOREZE RODRIGUES
COORDENADORA DO CEFAl ITAQUERA

O mês de setembro é um marco para as pessoas com deficiência, sendo no dia 21/09 celebrado “O dia nacional de luta das pessoas com deficiência” e o dia 26/09 “Dia Nacional do Surdo”. Porém, vale ressaltar que não apenas no mês de Setembro é preciso garantir diálogos e reflexões acerca das temáticas da Educação Especial.

Trata-se de uma luta social em que todos e todas podem contribuir e se responsabilizar por uma sociedade mais justa e inclusiva.

Pensando nisso, a equipe do CEFAl Itaquera tem o prazer de compartilhar a nossa satisfação em construir um compilado de textos e materiais que legitimem a perspectiva de Educação Inclusiva que o território compactua.

O adensamento da Educação Inclusiva no nosso país beneficiou-se de Conferências e Compromissos oficializados internacionalmente e transformados em Leis relativamente recentes. Nas últimas décadas tivemos a conquista da Declaração de Salamanca (1994), a Convenção Internacional sobre os Direitos das pessoas com deficiência (2006) entre outros marcos, garantindo os direitos das pessoas com

deficiência à escolarização. Com isso, houve o aumento gradativo de pessoas com deficiência acessando a Educação e ocupando outros espaços na sociedade.

A luta das pessoas com deficiência é uma ação política, cultural, social e pedagógica para que todos tenham acesso à garantia dos direitos de serviços e espaços.

Com a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), o paradigma da deficiência passou a receber novas referências teóricas e outras perspectivas que possibilitaram que as pessoas com deficiência acessassem as escolas regulares, nas classes comuns de ensino, promovendo a convivência e buscando respeitar a diversidade.

Esse marco importante e histórico é o início da ruptura de movimentos segregacionistas e desencadeado em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. Portanto, é neste momento que a Educação Inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis.

As mudanças - estruturais e culturais - começam a repercutir nos coletivos, nos espaços sociais, assim como nas unidades escolares.

Embora a inclusão não se encontre acabada, mas ainda em processo de construção, a educação escolar transita num território plural e criativo que possibilita ampliação do respeito e convivência com as diversidades.

A escola, como espaço socializador e de aprendizagem, vem modificando seus cenários a fim de qualificar o atendimento e promover a aprendizagem aos estudantes, sobretudo, buscando estratégias para levar a efeito as políticas públicas de acesso e permanência dos estudantes com deficiência.

O debate sobre a construção de uma escola inclusiva que possibilite o encontro entre as diferenças, prevalecendo o respeito à alteridade, na qual a convivência entre os cidadãos amplie o diálogo e ultrapasse a visão linear e homogênea sobre a realidade não se constituiu "causa ganha"

na Educação brasileira. Essa mudança no conceito de compreender a deficiência é marcada pela construção do modelo social, o qual considera que as pessoas com deficiência não são indivíduos portadores de alguma patologia, tampouco que não apresentam ou tenham déficit de uma característica fisiológico e/ou biológica.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SME) tem reconhecido que todos os bebês, crianças, jovens e adultos são sujeitos de direitos de aprendizagem, compactuando com a percepção de que a aprendizagem é um Direito Humano fundamental.

Atualmente, a Portaria nº 8764/2016 (SÃO PAULO, 2016) trata das diretrizes da Educação Especial no município de São Paulo, visando fortalecer a importância e a contribuição da escola, de forma a garantir que as barreiras de contexto educacional sejam eliminadas e a aprendizagem dos bebês, crianças, jovens e adultos e crianças seja efetivada.

Diante desse contexto, considerando a importância de garantir as discussões sobre os direitos das pessoas com deficiência, bem como a perspectiva de uma Educação Inclusiva no território, o CEFAl Itaquera reuniu nessa edição materiais e as contribuições de educadores e educadoras da Rede Municipal de Educação da Cidade de São Paulo contando com a participação do público da Educação Especial.

Desejamos a todos e todas uma excelente leitura!



TESSITURAS SOBRE OS ASPECTOS DA INDISSOCIABILIDADE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA E EDUCAÇÃO ESPECIAL

AMANDA MARTINS AMARO

SUPERVISORA DE ENSINO DRE
ITAQUERA

A Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos - individuais e coletivos -, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça socioeconômica, política, cognitiva e cultural, assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença. (CANDAU, 2012, p. 231).

“A diversidade faz o convite para a festa, a inclusão te coloca para dançar” (VERNÃ MYERS)

A espera de uma criança, na maioria das vezes, é algo planejado: a gestação, o acompanhamento, o nascimento, os primeiros respiros e expressões, tudo na idealização da perfeição. No dia do parto, o bebê real é diferente do imaginado. Neste instante nasce não só uma criança com deficiência, mas toda uma nova narrativa de história para esta família.

Não muito longe, ainda no início do século XXI a Educação e nosso sistema compreendiam dois tipos de atendimento: a escola regular e a escola especial. Tínhamos acesso a uma ou a outra. Na atualidade isso tem se modificado e a proposta de educação inclusiva e regular acolhe todos os estudantes.

A Educação Especial, que está constituída na Educação Inclusiva, transforma a escola em um espaço privilegiado de interação favorecendo a diversidade e igualdade, e que reconhece que todos, em algum momento da trajetória de vida, apresentam dificuldades no processo de ensino aprendizagem.

Quando dialogamos sobre a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva evidenciamos a intersecção desses conceitos. Esse percurso se constitui na garantia de que a Educação não seja somente especial, mas também inclusiva. A função da Educação Inclusiva é de favorecer a aprendizagem, sendo ponte entre o indivíduo e o mundo, alicerçando o desenvolvimento.

Os costumes, hábitos, e valores presentes nesses contextos familiares aos quais a criança pertence vão forjando sua constituição como sujeitos e interferem na sua percepção de mundo. O cerne é compreender o direito à Educação para além do direito de aprender, pois o direito à humanização é muito mais abrangente.

Neste sentido a escola é o lócus privilegiado para construção de um convívio social e para aquisição de conhecimento. Um processo em que se defende o desenvolvimento de uma consciência crítica como instrumento de transgressão das contradições e da realidade apresentada. Uma fonte fecunda para a mudança social e a oportunidade de desenvolvimento da criticidade e de autonomia (MAIA, 2014).

A Educação é Inclusão é direito fundamental de todos. Esse respeito ao direito e à liberdade humana é um importante passo para a constituição de uma cidadania. É uma prática social e humanizadora, intencional, que tem a função de promover acesso à cultura construída historicamente pela humanidade. O sujeito não nasce humanizado, mas por seu pertencimento ao contexto e pela relação dialética desse mundo em si mesmo se torna humano, e é esse processo que contribui a Educação Inclusiva. Para Mendes (2012, p.23):

Além de ser um direito, a Educação Inclusiva é uma resposta inteligente às demandas do mundo contemporâneo. Incentiva uma pedagogia não homogeneizadora e desenvolve competências interpessoais. A sala de aula deveria espelhar a diversidade humana, não escondê-la. Claro que isso gera novas tensões e conflitos, mas também estimula habilidades morais para a convivência democrática. O resultado final, desfocado pela miopia de alguns, é uma educação melhor para todos.

Consoante com essas afirmações compreendemos que educar de maneira inclusiva diz respeito à oportunidade para todos em um mesmo contexto e isso não significa negar a especificidade de cada um, pois sabemos de seus universos e características diferentes. São estudantes com deficiência intelectual, sensorial, física, múltipla, processos e necessidades específicas de aprendizagem, superdotados.

A função docente consiste em estimular a dignidade, promovendo respeito e ética, ofertando a oportunidade de espaço e autonomia com liberdade de expressão, na perspectiva do direito à Educação, ou seja, sua inclusão social. Nas considerações de Santos (2003, p.21) “lutar pela igualdade sempre que as diferenças nos discriminem e lutar pelas diferenças sempre que a igualdade nos descaracterize.”

Diante desse cenário, temos a exigência por recursos especializados e pela formação permanente de todos os profissionais da Educação. Em nosso país a legislação mais recente que norteia o sistema educacional é o Plano Nacional de Educação (PNE 2011-2020). O presente documento para além de metas e propostas inclusivas designa uma nova função à Educação Especial: modalidade de ensino que perpassa todos os segmentos da vida escolar (Educação Infantil até Ensino Superior). Além de viabilizar o atendimento educacional especializado (AEE) por meio de recursos específicos que diminuem barreiras e fomentam a relação nas turmas comuns do Ensino Regular. Estratégias educacionais estimulam estruturas cognitivas tais como: o favorecimento de situações lúdicas, a criação de desafios, o uso de jogos e materiais concretos e o incentivo constante à participação protagonista em eventos sociais, com a família e com a comunidade. O fortalecimento das redes de proteção também é imprescindível nesse processo.

Para além de reconhecer processos de Ensino, avaliativos e de desenvolvimento, temos que aprender sobre e com eles. Tomando as considerações de Freire (1987) evidencia-se que a aprendizagem se constitui na interação, na troca.

Para tanto, o professor é fundamental e o estudante é necessário, em um processo dialógico.

O foco não está no que o estudante aprendeu, mas como aprende no caminho. Este desafio exige implantar propostas didático-pedagógicas inovadoras que estimulem as diferenças e valorize as especificidades individuais com oportunidades iguais para todos. A compreensão necessária de como se processa o tempo, como ocorre o amadurecimento das estruturas cognitivas e de como trabalhá-las em sua potencialidade.

A ampla e profunda compreensão das potencialidades é imprescindível a todos envolvidos com a aprendizagem na escola. Um processo avaliativo coletivo que considera o estudante, sua voz, sua autonomia. Conceber infância como apontamento de dúvidas e desvelamento de certezas. O gosto da vida vem daí.



AUTOR DA FOTO: EMEF AURÉLIO AROBAS

O estudante precisa ser estimulado a se expressar, inventar, pesquisar, a ter curiosidade crítica, sendo impulsionado a se desafiar, criar hipóteses e maneiras de resolução de problemas. Devemos garantir o direito a produzir e conhecer respostas mais complexas, novos esquemas de aprender e de fazer, compreender o mundo em que se constitui.

A aprendizagem deve ser alicerce para constituição de competências e habilidades que viabilizem a autonomia, o prazer de se relacionar com o mundo e suas funcionalidades. Temos reais problemas de aprendizagem quando esse objetivo não é atingido.

Esse movimento complexo de Educação Inclusiva implica uma transformação social e institucional no reconhecimento das diferenças de todos e que acolha todos nesta diferença. Repensar a própria estrutura, a concepção, as regras e práticas excludentes.

Para Freire (1996, p.58) “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor para conceder ao outro”. Trata-se de equiparar oportunidades garantindo a todos - inclusive as pessoas com deficiência e as de altas habilidades / superdotadas, o direito de aprender (CARVALHO, 2005).

É sobre enxergar e reconhecer as pessoas para além de suas limitações e potencialidades, seus desejos e dificuldades para concretizá-los, superar o medo do novo e do desconhecido. Centralizar esforços para romper com a lógica simplista da convivência, para ampliar possibilidades de participação e aprendizagens significativas.

O direito à Educação para além do direito de aprender, o direito a humanização é mais abrangente do que só aprender. Defender a Educação Inclusiva e a diversidade é defender a vida!



REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 33, p. 235-250, 2012.

CARVALHO, Rosita Edler. *A nova LDB e a educação Especial*. Porto Alegre, Mediação, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAIA, Tatiane Cristina dos Santos da; HOBOLD, Marcia de Souza. Estado da arte sobre formação de professores e trabalho docente. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 39, p. 03-14, dez. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000200001&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 22 ago.2021.

MENDES, Rodrigo Hubner. *O pleonasma da Educação Inclusiva*, 2012.

AFINAL, QUEM É O DIRETOR DE ESCOLA NA ESCOLA INCLUSIVA?

Maria Raquel Duarte Pedrosa
Diretora EMEF Roquete Pinto

1 – Desigualdade, igualdade ou equidade? Para onde caminham nossas escolas?

Não é recente a discussão sobre Inclusão e Diversidade na escola, o que não significa que o tema já esteja superado ou tampouco isto aconteça de fato no ambiente escolar. A previsão legal de determinada concepção não garante por si só que ela aconteça de fato. Para que haja efetividade social de qualquer legislação é necessário que ocorra o seu reconhecimento e que seja seguida (e cumprida!) por todos, independente do imperativo legal de que é revestida.

Aí reside um dos dilemas vividos por muitas(os) gestoras(es) e educadoras(es). A inclusão acaba se tornando um instrumento legal que garante àqueles e àquelas, com necessidades educacionais especiais, o acesso e a permanência na escola. Porém, não garante um ensino de qualidade que lhes permita desenvolver todas as suas potencialidades, bem como percorrer caminhos livres de obstáculos, permeados de conteúdos, objetivos e estratégias universais, com vistas à construção do conhecimento e ao seu pleno desenvolvimento pessoal.

A integração é assegurada por meio da igualdade de acesso, mas ela tampouco assegura a equidade e quiçá a justiça social. Ações pautadas na equidade trazem em seu bojo o reconhecimento da diversidade e a redução das desigualdades sociais e econômicas que interferem diretamente no acesso

igualitário às aprendizagens. A eliminação de obstáculos, a criação de estratégias universais e as políticas públicas afirmativas que possam assegurar a todos e todas o direito fundamental à uma Educação crítica e emancipadora. Esses são caminhos possíveis para a construção de uma escola, de fato, mais inclusiva e menos desigual.

2 - O papel do diretor e a garantia de direito, apesar das burocracias.

Ao iniciar a reflexão sobre o papel da(o) Diretora(or) de Escola na Escola Inclusiva, revi e revivi todo meu percurso enquanto educadora desde a formação inicial, e me deparei com o seguinte questionamento: "Afinal, quem é a(o) Diretora(or) de Escola nesta escola que acolhe e inclui: Administradora(or)? Gerente? Gestora(or)? Educadora(or)?"

A(o) Diretora(or) de Escola é uma figura estruturante em todo organismo vivo que é a escola. Não uma peça meramente mecânica, mas um sujeito protagonista, imerso na realidade do território em que atua e imbuído de concepções educacionais transformadoras autênticas, a depender de suas experiências e formação. Para além de todas as burocracias que a(o) cercam (e são muitas!), a sua atuação é fundamental para que a comunidade escolar reflita, debata e instrumentalize-se para garantir a equidade, a qualidade e a justiça social em todo o seu fazer.

O direcionamento da atuação da(o) diretora(or) não deve ser uma ação espontaneísta e desprovida de intencionalidade gerencial e pedagógica. Precisa estar precedido do observar, do conhecer, do aproximar e do ouvir atentamente. Inculcado no planejar, indagar, propor, desafiar e registrar. Revestido da promoção de espaços de



reflexão permanentes sobre o currículo, sobre os sujeitos, sobre sentidos e propósitos, que precisam da adesão dos envolvidos. Não somente no sentido do cumprimento de uma obrigação, mas, sobretudo, como uma opção humanitária e ideológica, baseada em bons referenciais teóricos. Tudo isso deve, também, culminar na garantia do acesso de todos os estudantes, a todas as possibilidades de aprendizado integral concebido como fator inerente à própria Educação e ao ato de educar.

3 – O cultivo da esperança (do verbo esperar!)

Em tempos em que a riqueza de vivências proporcionada pela inclusão de todos nos espaços escolares e a necessidade de uma interação entre os diferentes para garantia de uma aprendizagem significativa, são questionados publicamente por aqueles que pouco sabem ou querem saber sobre Educação, exige-se mais ainda que os Diretores atuem fortemente no processo de construção de uma escola pública que atenda a todos indiscriminadamente.

É necessário que a atuação de cada um de nós revele uma concepção de que o papel da(o) gestora(or) excede as margens da mera execução de demandas burocráticas,

executivas, operacionais e que se concentra essencialmente no suporte pedagógico e formativo dos membros da sua equipe.

Isso tudo englobando a implementação de políticas públicas, a escuta atenta da comunidade escolar, a articulação com os outros equipamentos sociais que compõem o território e a garantia da gestão democrática com o fortalecimento dos colegiados.

Na prática cotidiana, todo este fazer, precisa ainda estar revestido do afeto. Afeto no sentido de afetar-se, envolver-se, emaranhar-se e no de atribuir significado, formar valores, criar laços firmes, construir relações sociais significativas. Atuar, neste sentido, proporciona a existência de um clima escolar em que todos se reconheçam como importantes, como sujeitos, o que favorece a aprendizagem significativa de todos, revelando-se na leitura crítica e na transformação do ambiente e dos sujeitos. A resposta à pergunta feita anteriormente carrega algumas certezas para nós Diretoras(es) de Escola: acima e antes de tudo, somos educadoras(es), intelectuais orgânicos; muitas são as ideias; demasiados são os anseios; inúmeras são as dúvidas e gigante é o desafio.

AUTOR DA FOTO: EMEI MARIA HELENA BARBOSA



QUEM FAZ A EDUCAÇÃO ESPECIAL?

JACQUELINE ANDRADE VIEIRA RODRIGUES

DIRETORA DA EMEF
GOVERNADOR MARIO COVAS

Pensar a Educação Especial pressupõe, sobretudo, pensar na garantia dos direitos de todos os estudantes da escola. Não é possível dissociar esses princípios.

Me permito, neste momento, celebrar o centenário do grande mestre Paulo Freire, quando este diz que “amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.” A partir desse prisma, partindo do princípio de que Educação Especial não é favor, não é caridade, não “é importante para que eles socializem”, é que precisamos evidenciar a Educação como um direito. Direito este garantido em tantas e tantas legislações que nos regem enquanto sociedade, mas que, por vezes, acaba secundarizado ante às tantas necessidades da nossa comunidade.

A partir disso, é possível pensar em como se dá a Educação Especial nas escolas. Não é possível isolar um ou outro ator nesse processo. Quando olhamos todos os atores envolvidos na garantia desse direito, enxergamos que só é possível fazê-lo a muitas mãos. Muitas mãos, ouvidos e muitos fazeres que se somam desde aquele primeiro momento em que se efetiva a matrícula e caminha por muitos e muitos anos, durante toda a vida escolar do estudante.

Aqui, é essencial falar sobre a importância do fazer gestor na articulação de todos esses fazeres citados anteriormente. Por vezes, ainda imaginamos o gestor escolar como aquele profissional quase que coberto pelas pilhas de documentos a serem analisados e despachados. Ainda me permito acrescentar que a pandemia trouxe inúmeras outras tarefas não previstas que se somaram às tantas outras já existentes em um contexto não pandêmico. Mas penso também em um outro perfil gestor: aquele trazido por Paro (2010), que pensa numa gestão para a transformação social. Que, apesar da sobrecarga imposta pelo contexto atual, move forças e recursos humanos e financeiros, pensando a organização da escola como espaço que acolhe os diferentes saberes, culturas, relações, trajetórias e, acima de tudo, garante o direito à aprendizagem de todos e todas estudantes, respeitando seus tempos e modos de aprender.



AUTORIA: FOTO: EMEF GOVERNADOR MARIO COVAS

Quando digo que isto se dá a muitas mãos, perpasso pela família que no ato da matrícula precisa confiar no trabalho que a escola se propõe a fazer. Acolhemos as ansiedades, angústias e incertezas que o novo traz, mas buscamos aqui, juntar forças em prol, digo uma vez mais, da garantia de direito de estar ali, ocupando um espaço que é seu por direito, e aprender. Mas não se encerra aqui. A essas muitas mãos, se somam a secretaria da escola, que efetiva a matrícula e recepciona a documentação e a família recém chegada, passando pela coordenação e direção da escola, que acolhem inicialmente a família do estudante para um diálogo inicial e contínuo. Ainda, pelo inspetor de alunos, que atentamente, acompanhará o trânsito desse estudante durante todo o tempo em que estiver na escola, na Auxiliar de Vida Escolar (AVE), que trata da alimentação e da higiene, no Professor de Apoio à Educação Especial que, junto ao professor da Sala Regular, auxiliará na identificação e eliminação das barreiras de aprendizagem. Enfim, de toda a rede de apoio, que nos auxilia a acessar equipamentos de saúde, de transporte, de assistência social e tantos outros direitos que se somam (e não se sobrepõem) ao direito de APRENDER.

Sendo a Educação um direito de todos e todas, conclui-se que só é possível fazer Educação, Inclusiva, de qualidade, equitativa e transformadora a muitas mãos. Quem faz a Educação Especial? Todos nós.



AUTOR DA FOTO: EMEF GOVERNADOR MARIO COVAS



AUTOR DA FOTO: EMEF GOVERNADOR MARIO COVAS



AUTOR DA FOTO: EMEF GOVERNADOR MARIO COVAS

PRISCILA CASTRE
COORDENADORA PEDAGOGICA
LÍGIA LEASL
PROFESSORA
EMEI PROF^a MARIA HELENA BARBOSA
MARTINS

Educação Especial na ação pressupõe o abandono de ideias romantizadas a respeito das crianças público-alvo da Educação Especial ou daquelas que apenas são um pouco diferente da maioria. É romper com o conceito de que a simples presença dessas crianças na escola é suficiente para trazer benefícios a toda comunidade escolar e caminhar na superação das dificuldades impostas pelo desafio de incluir todos e cada um.

No contexto da Educação Infantil as crianças são convidadas a viver a vida, isso significa explorar, conversar, dançar, brincar, experimentar, imaginar, inventar, compartilhar, cada uma do seu jeito, com sua vontade e em sua singularidade, sem formas, falas, pensamentos e escolhas iguais. A riqueza dessa etapa da Educação está justamente na singularidade de cada criança e no valor que atribuímos às coisas desimportantes. É natural que as crianças que necessitam do atendimento educacional especializado encontrem aqui espaços, tempos e contextos de aprendizagem que as incluam. E na intencionalidade de envolver, escutar e olhar cada criança que mora o fazer da Professora de Educação Infantil, que planeja de forma ampliada e alicerçada nos princípios do Currículo da Cidade e da legislação, mas fundamentalmente no seu desejo de que não existam barreiras para a vida acontecer na escola, propõem vivências de qualidade sob a ótica da educação inclusiva.

Sob essa perspectiva recebemos o Vitor no retorno das aulas presenciais em Agosto e a partir daí iniciamos atividades planejadas com a intencionalidade de que ele participasse e produzisse suas marcas. Com a pandemia, todas as crianças passaram um longo período em suas casas, sem contato ou interação com outras crianças, e com Vitor não foi diferente. Sua mãe nos relatou que inclusive as terapias que ele fazia foram suspensas nesse período.



Vitor mostrou seu olhar de retorno à escola totalmente diferente das demais crianças que estavam eufóricas e ansiosas para retornar. Os colegas o procuravam para cantar, dançar e oferecer brinquedos e ele respondia com gritos e olhares muito assustados. Fizemos momentos de dança, roda de história, brincadeiras e principalmente de exploração de caixas que, segundo sua mãe, era sua brincadeira preferida. Dia a dia os sorrisos e o olhar de contentamento iam surgindo no rostinho do Vitor e em uma roda de história notei que as crianças não demonstraram interesse por já conhecerem o texto, perguntei se podíamos ler e representar em forma de teatro para ser diferente do que eles conheciam.

Todos aceitaram e começamos a lista de organização do "Grande espetáculo: A casa Sonolenta". Na lista tínhamos: cenário, fantasias, ensaios, distribuição das personagens, entre outros... Fizemos o cenário com tinta guache e pincel, procurando retratar as imagens que mais apareciam na história como: chuva, casa, cachorro, gato, arco-íris, menino e vovó. Durante a distribuição das personagens, as crianças escolheram seus papéis que foram ressignificados a partir do texto original. Iniciamos os ensaios e sempre com a participação do Vitor e da estagiária Flávia que nos apoiou e se fez presente em todos os momentos, inclusive na apresentação. Todas as crianças da turma produziu suas marcas que ficaram eternizadas de maneira coletiva e se divertiram muito com uma história que, antes do livro se abrir, era conhecida por todos e depois que se abriu tornou-se inesquecível para todos. Foi uma experiência muito valiosa para Vitor, que demonstrou estar feliz e pertencente ao grupo do infantil II 6C.



FABIO CUTOLO SILVEIRA
DIRETOR DE ESCOLA NA
EMEF BRIGADEIRO CORREIA DE MELO

Nós temos construído na EMEF Brigadeiro Correia de Mello uma divisa: “uma escola de todos e de cada um”. Mais que um lema, esse é um objetivo educacional. Assumimos assim um compromisso com uma Educação Inclusiva e voltada para o desenvolvimento da potência que existe em cada um e em todos. Utópico. O projeto sempre buscará atingir uma totalidade que é diversa e difusa, porém, uma meta. O sonho é construir uma escola que atenda nossos alunos sejam quais forem suas necessidades. Esse projeto ambicioso toma forma no cotidiano por meio do atendimento das dificuldades apresentadas pelos educandos e percebidas pelos profissionais da Educação. Cada criança ou adolescente da escola tem suas particularidades, especificidades, barreiras e potências e elas precisam ser vistas, percebidas. Mas, nada se faz sem dificuldades, desafios, problemas e busca por soluções. Neste contexto, é importante contar com um profissional como o PAEE - Professor de Atendimento Educacional Especializado - que procura articular a Educação Especial com todos os entes da comunidade educativa. Esse profissional possui um papel especial dentro da escola. Assim como a Gestão Escolar deve facilitar o trabalho e a relação entre as partes da escola, o PAEE procura orientar o grupo de professores das salas regulares na

superação das barreiras dos estudantes. Essa integração dos profissionais é fundamental para o desenvolvimento da escola como um todo e o todo só se constitui com atenção para a necessidade individual. Tivemos em nossa escola um longo processo para conseguirmos conquistar esse profissional. Hoje dispomos de uma professora da casa que se forma constantemente como nossa PAEE e tem desempenhado papel fundamental no atendimento dos nossos alunos e na formação dos nossos professores. Nossa sala de Recursos Multifuncionais também tem experimentado esse processo de constituição e construção. Assim, procuramos fazer a Educação Especial, com adaptação do olhar, para observarmos cada necessidade e evoluirmos no sentido da busca de um entendimento integral dos nossos alunos. O conhecimento das dificuldades das crianças e

CADA CRIANÇA OU ADOLESCENTE DA ESCOLA TEM SUAS PARTICULARIDADES, ESPECIFICIDADES, BARREIRAS E POTÊNCIAS E ELAS PRECISAM SER VISTAS, PERCEBIDAS.

adolescentes se faz também pelo conhecimento das suas questões familiares e contexto social. A escola de todos e de cada um precisa se construir também em uma relação profícua entre escola e comunidade. A escola não se faz a partir dos profissionais e de sua perspectiva. Esta deve ser parceria das famílias, dos nossos alunos, da nossa comunidade. A vontade de integração é uma voluntariedade de se abrir para outro, de buscar acolher a diferença, para que o coletivo se forme e se transforme no aprendizado constante. Nos anos que tenho experimentado participar da Gestão da unidade tenho aprendido muito com nossas crianças, nossos adolescentes, nossos professores, nossas famílias. Temos um perfil de comunidade diversa, desafiadora. Essa comunidade tem de ser conquistada para a participação na escola. Buscando constantemente essas aproximações, acredito que vamos consolidando uma imagem de escola inclusiva, ação necessária para mostrarmos que somos um pilar na rede de proteção social que se deve formar em torno de uma comunidade que experimenta situações de vulnerabilidade extrema. Percebemos, no contexto vigente, no qual a grave pandemia assola e invade nosso cotidiano, que nosso caminho ainda é muito longo. Temos muitos desafios a serem superados, muitas dificuldades se apresentam e estamos distantes de sermos uma ilha de excelência. Essa percepção é fruto da necessária autocrítica que preservamos no percurso, porém, percebemos que os avanços estão acontecendo. Um passo por vez, uma escola melhor a cada dia. O grande desafio da Gestão é consolidar a visão que a Educação Especial é para todos, que todo mundo importa, que todos são potência, que estamos em constante processo de aprendizagem, que os desafios apresentados nos colocam a necessidade imperativa de formação, estudo, aprimoramento. A escola que queremos é um organismo vivo, rico, diverso, difícil, multifacetado. Com a disposição para a luta diária e a confiança no propósito maior de uma Educação verdadeiramente inclusiva e transformadora seguimos construindo nosso objetivo de escola.



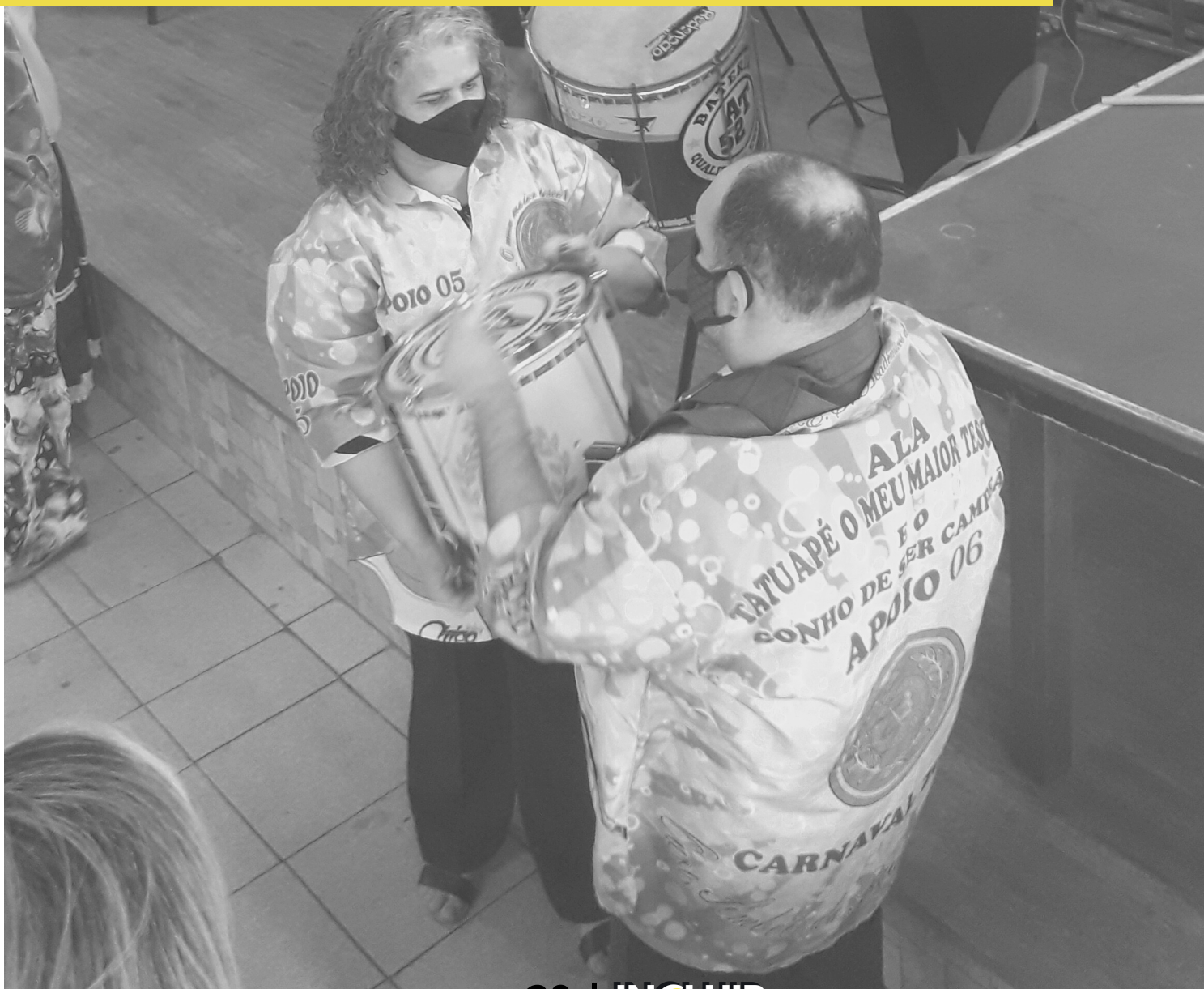
AUTOR DA FOTO: EMEF BRIGADEIRO CORREIA DE MELO



AUTOR DA FOTO: EMEF BRIGADEIRO CORREIA DE MELO



COM A PALAVRA OS PAEES



ADRIANA CRUZ PEREIRA DA SILVA
PAEE DA EMEF BRIGADEIRO CORREIA
DE MELO

Educação é um direito de todos, transforma a sociedade, prepara para a cidadania, qualifica para o trabalho e, principalmente, visa a plenitude do desenvolvimento da pessoa. Sendo assim, não podemos negar a qualquer indivíduo esse direito em seu percurso de vida. Toda criança aprende independente de sua especificidade, logo, a criança com deficiência aprende.

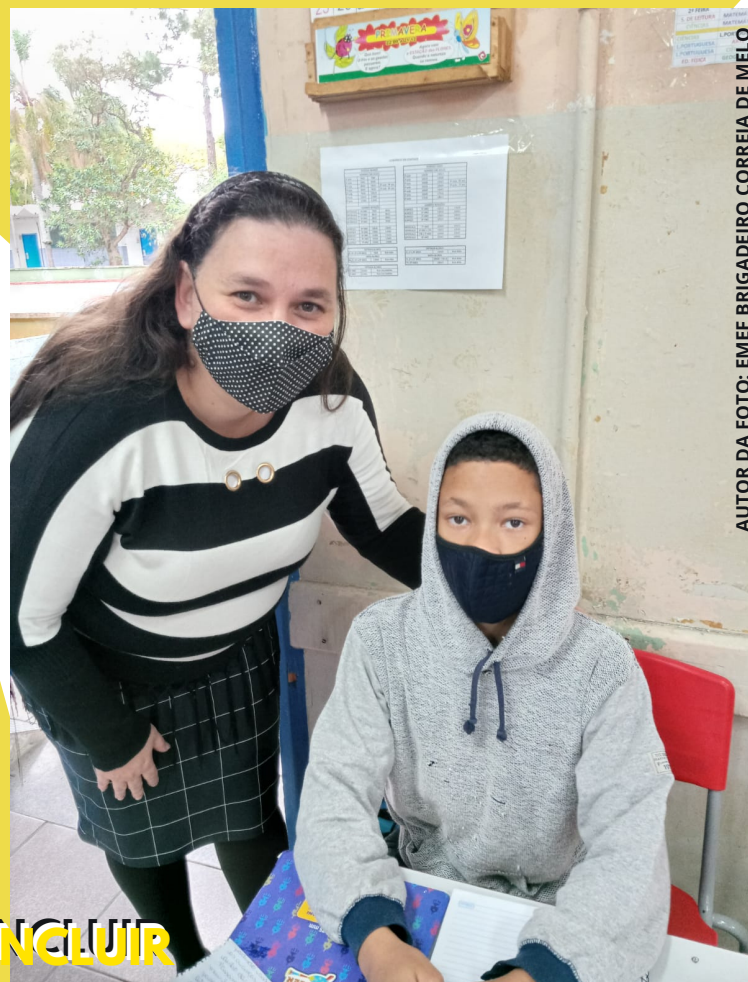
Um dos desafios do Gestor é transformar a Unidade Escolar em um ambiente inclusivo e favorável à aprendizagem. Em 1999, o arquiteto Ronald Mace surgiu com o conceito do DUA (Desenho Universal da Aprendizagem) que foi elaborado para que todos os alunos fossem atendidos por meio de estratégias que garantem acessibilidade sem barreiras. Partindo desse pressuposto sobre o ambiente educativo, o fazer da Educação Especial torna-se responsabilidade de todos, pois a Educação Inclusiva é um compromisso coletivo.

A Unidade Educacional na qual estamos inseridos entende que o processo de aprendizagem na formação do aluno é singular, pois há diversidade na aprendizagem, por isso, as estratégias de ação e intervenção pedagógica na Educação Inclusiva envolvem todos os atores sociais da escola, pois o convívio no ambiente escolar beneficia a todos.

Diante dessa perspectiva, destacamos alguns aspectos que acreditamos que contribuem para isso. Depois da garantia do acesso, acreditamos que o acolhimento é um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento de habilidades e competências. Sentir-se bem e respeitado no ambiente é salutar para assegurar autonomia, liberdade de agir sem receios e barreiras, tanto para o aluno com deficiência, quanto para os pais ou responsáveis que se sentem seguros, pois

muitas vezes já trazem consigo resquícios de tratamentos indevidos e preconceituosos em relação às suas crianças.

A participação efetiva da família no processo educativo amplia a aprendizagem para além dos muros da escola, colaborando com a integralidade na formação da criança. Desta forma, o estreitamento na relação escola e família é de suma importância. Cabe à escola implementar ações que promovam e garantam essa aprendizagem, articuladas com o coletivo escolar, facilitando o itinerário do estudante. Quando mencionamos o coletivo estendemos ao contexto social que cerca esse estudante: família, tio da perua, merendeiras, pessoal da limpeza, professores, gestores, e as parcerias e equipamentos sociais que o atende, enfim, todos se tornam responsáveis dentro do ambiente escolar inclusivo. Portanto a Educação Especial se faz pelo comprometimento e pela articulação que se estabelece entre esses atores sociais, tornando-a inclusiva e acessível a todos.



AUTOR DA FOTO: EMEF BRIGADEIRO CORREIA DE MELO

JULIANA DE ALMEIDA MALTA
PAEE DA EMEF FRANCISCO ALVES
FILHO MENDES



AUTOR DA FOTO: EMEF FRANCISCO ALVES FILHO MENDES

A escola é lugar para todos e todas, sem exceções. A Educação Inclusiva, no meu conceito, é uma questão de humanidade, empatia e respeito ao próximo. Uma maneira de enxergar todos sujeitos como capazes de viver, conviver e aprender em sociedade, sem preconceitos e discriminação. Tenho um percurso na Educação Especial de quase 10 anos como Professora de Atendimento Educacional Especializado (PAEE). Já fui Professora regente de Sala de Apoio e Atendimento à Inclusão (SAAI) também, acompanhando algumas mudanças de legislações e nomenclaturas. Sou apaixonada pela minha função. É claro que são muitos os desafios que encontramos no dia a dia, contudo, acreditar na essência da Educação Inclusiva é o combustível para não desistir, quando os contratempos aparecem.

O PAEE, assim como todos os outros docentes, não pode parar de estudar nunca. Uma vez que o público-alvo da Educação Especial são: estudantes com deficiência (intelectual, física, visual, auditiva e múltiplas), transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Percebe-se que trata-se de um público com especificidades diversas, no que se refere a recursos de acessibilidade ao Currículo. É um desafio enorme atuar em um campo tão vasto e analisar a individualidade de cada educando e educanda. Requer a avaliação minuciosa das potencialidades dos estudantes e o trabalho colaborativo com a Equipe Gestora e docentes da classe regular. É neste último espaço que projetamos os objetivos da Sala de Recursos, ou seja, nosso público deve ter acesso, permanência e desenvolvimento de aprendizagens na classe comum. Não podemos esquecer da comunicação e articulação com as famílias, rede de proteção e área da saúde.



AUTOR DA FOTO: EMEF FRANCISCO ALVES FILHO MENDES



AUTOR DA FOTO: EMEF FRANCISCO ALVES FILHO MENDES

Vejo com entusiasmo e alegria o crescente número de estudantes com deficiência matriculados na escola comum, muitos já no Ensino Médio. Estamos vivendo esse processo de implementação da escola inclusiva, mudando paradigmas, revendo nossa estrutura tradicional de escola, buscando novos saberes e identificando a diversidade existente entre os sujeitos como algo inerente à raça humana. Somos diversos e as deficiências fazem parte deste leque que compõe as singularidades dos sujeitos. É por meio da convivência com as diferenças que formamos cidadãos capazes de praticar o respeito mútuo, assim todos aprendem.



AUTOR DA FOTO: EMEF CHICO MENDES

LUCIANA PEREIRA DE SANTANA
PAEE DA EMEF PROF^a
CLOTILDE ROSA HENRIQUE
ELIAS



AUTOR DA FOTO: EMEF PROF^a CLOTILDE ROSA HENRIQUE ELIAS

A Educação para todos é o que considero especial. A convivência com as particularidades e características de cada um é que tornam o processo prazeroso para ambos. Considero que as deficiências fazem parte da diversidade, assim como as religiões e as culturas, e conviver com elas só torna o processo mais rico. Respeitar as diferenças é necessário não apenas no ambiente escolar, mas também nas ruas, nos lares, no comércio, nos parques, entre outros. Uma Educação Inclusiva combate a discriminação e os preconceitos. Muitas vezes as barreiras atitudinais são as mais encontradas em nosso meio e elas precisam ser eliminadas, assim como o capacitismo.

Educação Especial vai além de flexibilizar atividades. Vivenciamos o verdadeiro aprendizado do que “ensinamos”, contagiados muitos a nossa volta com as possibilidades que encontramos para meninos e meninas matriculados em nossa ou em outra Unidade Escolar. Isso é especial!

Mais do que uma modalidade da Educação, a Educação Especial busca atender-se ao estudante, trabalhando sobre a barreira específica de cada um. Sonho que um dia possa acontecer nas salas regulares sem desculpas e medos por parte dos professores. Será especial quando acontecer naturalmente e as salas de recursos multifuncionais não serem mais necessárias, pois todos terão entendido o significado de Educação Inclusiva.

Ainda considerando que a Educação para todos é que é especial, destaco também a importância da família no processo educacional dos nossos estudantes. A participação delas é muito especial e, com certeza, valiosa para o sucesso do que ofertamos. Só precisamos acolher e permitir que participem com a gente da melhor forma possível.

Amo o que faço e ainda recebo por isso. Aprendo enquanto ensino nas relações com os estudantes, suas famílias e histórias. Isso é verdadeiramente especial. Você deveria tentar também.



AUTOR DA FOTO: EMEF PROF^a CLOTILDE ROSA HENRIQUE ELIAS



SONÁRIA SEVERINO XAVIER DE
SOUZA
SÔNIA REGINA DOS SANTOS DA
SILVA
PAEES DA EMEF BENEDITO
CALIXTO

ESCOLA DE OPORTUNIDADES E EDUCAÇÃO INCLUSIVA

A temática da Educação Inclusiva se relaciona às diferenças e especificidades de todas as pessoas, sejam elas consideradas com deficiência ou não, em conformidade à Constituição Federal Brasileira, que reconhece os direitos humanos fundamentais, em suas diversas esferas. Entretanto, para que a inclusão se consolide na sociedade, há necessidade da implementação de novas práticas no campo social, especialmente, na Educação. (MELLO et al., 2012).

Uma nova realidade vem, aos poucos, se efetivando por meio das novas diretrizes de universalização e democratização do ensino, embora ainda haja muito a ser feito em relação à inclusão da pessoa com deficiência no âmbito escolar. Para melhorar tal situação é imprescindível a elaboração do Currículo da Cidade de São Paulo com perspectiva inclusiva, articulando com contribuição do corpo docente, discente, comunidade e BNCC, dialogando com as práticas cotidianas dos professores em sala de aula e o contexto do território no qual a Unidade Escolar está inserida. Garantindo, assim, acesso, permanência e aprendizagens, além de respeitar as potencialidades de cada estudante, valorizando as diferenças.

É um grande desafio na EMEF Benedito Calixto tornar realidade a Educação Inclusiva, mas com a colaboração dos gestores, docentes, pais, funcionários e alunos, temos vivenciado experiências enriquecedoras, de respeito as

diferenças, valorização do outro, tolerância e aprendizado entre todos que fazem parte do território escolar.

Neste ano (2021) foi matriculado um aluno no primeiro ano B (sete anos) Pietro, com glaucoma congênito (baixa visão). No primeiro momento os professores, Auxiliares de Vida Escolar - AVEs, e funcionários se mostraram ansiosos, considerando o contexto de pós-pandemia, organização escolar e aplicação de protocolos de saúde. Também queriam conhecer o aluno, saber como planejar as atividades respeitando as potencialidades e especificidades do novo estudante, para, desta forma, possibilitar pleno acesso ao Currículo.

Esta EMEF possui duas Salas de Recursos Multifuncionais – SRM, sendo que no período da manhã leciona a PAEE (Professora de Atendimento Educacional especializado) Sonária e no período da tarde atua a PAEE (Professora de Atendimento Educacional especializado) Sônia. Inicialmente foi agendado um encontro com a família do Pietro, para que pudessem conhecer o aluno, seus pontos de interesses, realizar uma avaliação funcional informal, saber as expectativas da família com relação à escola, apresentá-los às Coordenadoras Pedagógicas e apresentar-lhes as dependências da escola.



AUTOR DA FOTO: EMEF BENEDITO CALIXTO

Tudo foi registrado com vistas a elaborar o perfil do aluno para articular com os professores da sala regular ações para o acolhimento do estudante, observando que todos deverão ter condição de igualdade e oportunidade.

Em articulação com a professora regente do primeiro ano B, Professora Akemi, foi destacada a importância do estudante se sentar na primeira carteira de costas para a luminosidade, em ambiente bem iluminado, evitando utilizar materiais que produzam reflexos, além do uso de papel fosco. Concluiu-se que, neste momento, é importantíssimo fazer a “escuta ativa” do aluno, questionando “qual é o melhor contraste? O tamanho da letra está bom? Você se sente confortável neste lugar? O que pode ser feito para que você se sinta parte do todo?”

Há necessidade de disponibilizar caderno com pauta ampliada, lápis 6B ou 4B, borracha que apaga bem a escrita do lápis 6B, plano inclinado quando se fizer necessário, material ampliado em caixa alta, fonte recomendada: Aphont, Arial ou Verdana com tamanho máximo de 26.

Além disso, deve-se conceder um tempo de duração maior para que o Pietro realize as atividades propostas, falando pausadamente e permitindo que o estudante faça movimentos de cabeça para encontrar a melhor posição do seu campo de visão, de modo que possa aproximar o material ou objeto perto dos olhos. Caso os demais estudantes da turma questionem sobre a postura do aluno, explicar de forma simples as necessidades do aluno para enxergar.

Combinamos com a professora Akemi que o mais importante ao receber o Pietro é deixar que aprendamos juntos, descubramos possibilidades para eliminação de barreiras em equipe (escola, família, alunos e comunidade).

No primeiro dia de aula o Pietro estava muito ansioso. As Auxiliares de Vida Escolar - AVEs Helena e Aline, se apresentaram e mostraram a escola para ele, descrevendo cada espaço.

Na sala de aula o estudante foi apresentado à Professora Akemi, que descreveu o ambiente e indicou o lugar que o estudante iria se sentar todos os dias, e explanou o que esperava de todos os alunos.

Desde então, Pietro vem apresentando avanços a cada dia e participa ativamente de todas as atividades. Em certos momentos há necessidade de flexibilização nas estratégias didáticas, mas todos se beneficiam e os avanços no processo de ensino-aprendizagem surpreendem a cada dia.

Atualmente o Pietro está na hipótese de escrita alfabética, se locomove pela escola com autonomia (sob a supervisão da Auxiliar de Vida Escolar - AVE), e com orientações dos professores que são fundamentais para que o aluno tenha o seu direito à Educação garantido.

Para isso, torna-se fundamental a necessidade de coerência entre as políticas públicas voltadas para a Educação e o papel da sociedade em relação à oportunidade de acesso dos alunos, tanto na escola quanto nos diversos setores da sociedade. (ARAÚJO, 2010)

Toda criança tem direito à Educação, por isso é necessário oferecer todas as oportunidades e condições possíveis para que mantenham um nível adequado de aprendizagem, mediante suas características, interesses, habilidades e necessidades, a fim de promover o desenvolvimento para a autonomia. Para isso, é fundamental que sejam criados meios de combate às atitudes discriminatórias. Nesta perspectiva, a escola desempenha um importante papel na conscientização de seus atores e também da comunidade, para que se crie um ambiente acolhedor, uma sociedade inclusiva e que atenda às necessidades educacionais de todos.



Com certeza existem muitos desafios no cotidiano escolar, mas com a participação da família e uma Equipe Gestora comprometida com a Educação Inclusiva, o primeiro passo para superá-los já foi dado.

O trabalho na Sala de Recursos Multifuncionais - SRM só acontece porque há articulação com a equipe do CEFAl, gestores, professores da sala regular, estagiários do CEFAl, Auxiliares de Vida Escolar - AVE, funcionários e auxiliares técnicos da Educação, que compartilham do mesmo objetivo: a eliminação das barreiras para que o aluno se desenvolva integralmente, respeitando os seus limites.

O Pietro é atendido 2 (duas) vezes por semana na sala de recursos, em turno inverso à aula regular, durante 90 (noventa) minutos, de forma a complementar e suplementar as atividades da sala regular.

O AEE (Atendimento Educacional Especializado) pode ocorrer também fora da Sala de Recursos Multifuncionais - SRM, quando há o trabalho de forma colaborativa (AEE colaborativo), com o professor da sala regular, que orienta, planeja e elabora atividades pedagógicas. Acontece também a orientação da família em todas as atividades que envolvam o estudante com deficiência, com base no disposto na Portaria nº 8.764 de 23 de dezembro de 2016, que regulamenta o Decreto nº 57.379/2016, que institui no Sistema de

Educação Municipal de Ensino a Política Paulista de Educação Especial, na perspectiva da Educação Inclusiva, na cidade de São Paulo.

Neste 3º bimestre, na Sala de Recursos Multifuncionais, se tem trabalhado com Pietro a estimulação tátil, apresentando por meio do jogo da memória diferentes texturas, leituras de textos multimodais (apresentação de material concreto), atividades complementares aos textos com pintura em guache, massa de modelar, areia de modelar, atividades com música e dança, sons, localização espacial, e passeios ao parque da escola para sentir as diferentes texturas da natureza. Além de brincadeiras psicomotoras para desenvolver a atenção, a concentração e os conceitos abordados na sala de aula com estratégias diferenciadas, visando a eliminação de barreiras no processo de ensino-aprendizagem.

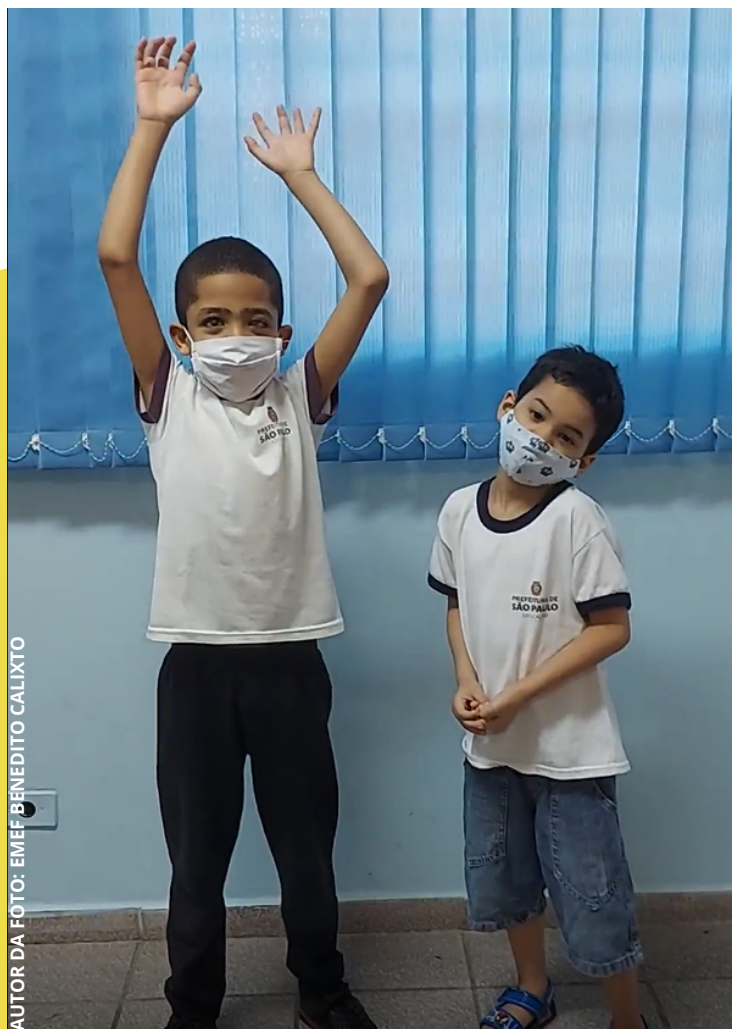
Também é realizada a Avaliação Funcional Informal da Visão e há o diálogo com a professora Akemi e a família do aluno acerca da necessidade de introduzir o braile no momento ou aproveitar o resíduo visual para leitura em tinta, tendo em vista os avanços na aprendizagem apresentados por Pietro.

Tenho muito orgulho da parceria com os professores da EMEF Benedito Calixto que desempenham suas funções com profissionalismo, dedicação e eficiência.



Considerações finais

A inclusão da pessoa com deficiência requer vasto trabalho em equipe. Além de afetividade, acolhimento, aceitação e realização de atividades que tornem o estudante ativo, preparando-o para a vida social, econômica e política, ou seja, para o exercício da sua cidadania. Entretanto, esse é um processo gradual, no qual podem ocorrer avanços e retrocessos, muitas vezes exigindo retomadas ou mudanças de estratégias. Enfim, deve-se privilegiar a Educação que respeita a individualidade da diversidade humana, pois tendo deficiência ou sendo diferentes todas as pessoas são dignas de respeito e têm o direito de buscar o desenvolvimento dos próprios potenciais, habilidades e, portanto, direito aos espaços necessários na sociedade, para a superação de quaisquer dificuldades e limitações.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Ulisses F. A quarta revolução educacional: a mudança de tempos, espaços e relações na escola a partir do uso de tecnologias e da inclusão social. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2279>, 2010. Acesso em: 10 set.2021.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – MEC/SEESP, 2008. •

MARIA ELIEIDE DE
OLIVEIRA BONFIM
PAEE DO CEU EMEF PAULO
GOMES CARDIM

Quando penso em uma definição para “Educação Especial”, a princípio, o termo me reporta a algo amplo, de grande contextualização, pois essa concepção, na minha visão, foi se construindo ao longo do tempo, com experiências, expectativas, frustrações e avanços. Enquanto eu conhecia apenas teorias o conceito me parecia muito abstrato. Só depois, com a prática inclusiva, foi possível construir um conceito muito peculiar, quando se somaram outros sentimentos. O primeiro a surgir foi a flexibilização do olhar, quando percebi que o “indivíduo” está antes da deficiência. Surgindo, posteriormente, a empatia que despertou, por meio da troca e da observação, o desejo de entender como “o outro” pensa e se sente em ambientes em que o contexto não contempla sua diferença. Em seguida foi surgindo o respeito à diversidade e o desejo de promover recursos universais com equidade, que possibilitassem a transposição das barreiras encontradas, permitindo que um grupo tão diverso fosse contemplado com as mesmas possibilidades de avanços que os pares envolvidos no processo. Finalmente conclui que o aprendizado profissional e pessoal foi vultoso, causando em mim o sentimento de realização e harmonia interior, ressaltando que a avaliação do aprendizado acontece de forma recíproca. Então, defino Educação Especial como quebra de padrões, empatia e respeito à diversidade.



AUTOR DA FOTO: EMEF PAULO GOMES CARDIM



AUTOR DA FOTO: EMEF PAULO GOMES CARDIM



AUTOR DA FOTO: EMEF PAULO GOMES CARDIM

CAROLINA MEDEIROS MARTINS
DE OLIVEIRA CRUZ –
COORDENADOR PEDAGÓGICO.
TAISE DE CÁSSIA RAMALHO –
COORDENADOR PEDAGÓGICO.
AMANDA DE SOUZA MOURA
SILVA – PAEE

EMEF AYRES MARTINS TORRES

Durante o ano de 2021, a nossa Unidade Escolar recebeu 3 alunos novos com deficiência, totalizando 25 alunos público da Educação Especial. Temos por princípio atender as nossas crianças de acordo com as suas especificidades e demandas, ajustando o ensino a favor da consolidação das aprendizagens para todos.

Nossos trabalhadores são capacitados para educarem seus olhares e profissionalizarem seus fazeres a serviço das necessidades educacionais de cada aluno, seja quem for.

Aqui todos são atendidos. Nós, os trabalhadores da Unidade, com uma postura horizontal e cooperativa, calcada em juízo de fato, nunca de valor, atendemos a nossa comunidade interna (estudantes) e externa (responsáveis) nas suas individualidades, ouvindo as suas necessidades, orientando o que nos pertence. Tudo isso sempre mantendo um olhar de parceria proativa, desconstruindo a negação da compaixão que nos paralisa e nos mantém nos erros autorizados, com a intencionalidade de reavivar os afetos.

Humanizamos todas as ações construídas, formamos pelo exemplo e, assim, provocamos um movimento de nos retroeducarmos.

Aprendemos com Paulo Freire que: "... Ensinar exige rejeição a qualquer forma de discriminação...". Por isso, em nosso dia a dia, constatamos o quanto a Educação do olhar é legítima. Olhar o outro em sua totalidade, com o respeito que se tem direito e a consideração que se espera de um educador faz a diferença e traz identidade ao nosso trabalho.

Abandonamos a lente viciada e estratificada da sociedade que repete o senso comum e não altera as engrenagens da exclusão. E, desta forma, acaba por praticar o maior dos preconceitos: a indiferença. Naturalizando práticas de segregação e autorizando a consolidação da cultura do ódio.

Banir esse paradigma é uma militância de quem educa!

A Educação, promotora da igualdade social, agregou a pluralidade da diversidade e se desvincilhou dos padrões do mérito, fortalecendo-se, ressignificando, ancorando e aportando o seu fazer no conceito do Direito Humano: Somos um.

Pelo caminho percorrido, e por atravessarmos a ponte e optarmos em qual margem ancoraríamos, a nossa escola se identificou com a Educação promotora da inclusão, não aquela que vivenciamos. Aquela que nos deixou marcas e até feridas mal cicatrizadas, mas, sim, a Educação que construímos todos os dias. E o tempo verbal que nos representa é o imperativo, pela sua força e sua urgência: INCLUAMOS!

Porque estamos dentro, porque pertencemos, porque incluimos, porque descobrimos que "sozinhos somos grão... mas, juntos somos Universo..."

Assim, a comunidade Ayres nega quaisquer manifestação de segregação e de exclusão. Trabalhamos pela garantia dos direitos de nossas crianças.



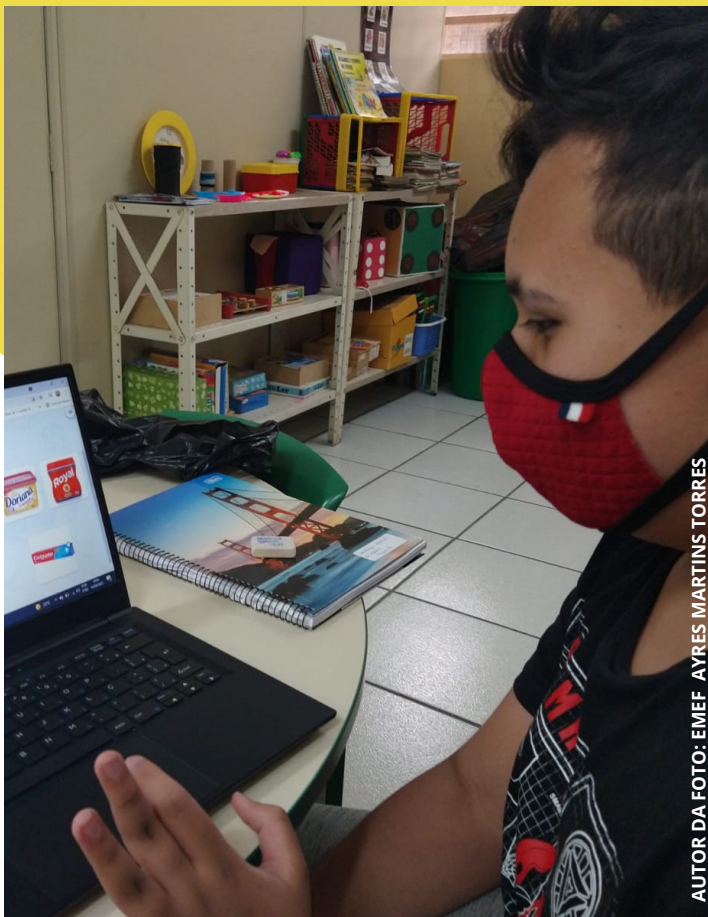
Com os nossos estudantes que carregam o registro de um laudo, adotamos o olhar que: a proposição não é a deficiência, e sim a barreira. E a barreira quem dissolve somos nós. É demanda pedagógica, é a nossa incitação, a nossa necessidade. É quando a escola retoma a sua função social na vida de nossas crianças.

Todos os estudantes que chegam ao Ayres são acolhidos em suas histórias, bem como os seus familiares. A coordenação realiza uma primeira acolhida para a construção do vínculo: escola e família, essencial ao processo.

São histórias de dor, de recusa, de rejeição, de culpabilização e de amor. São mães que vivenciam essa mistura de sentimentos intensos, permitidos, proibidos, desgastantes, e que debilitam uma relação idealizada e cobrada pela sociedade: a relação mãe e filho.

Desta maneira, vivemos diariamente essas histórias, pois acreditamos na Educação como ferramenta de transformação, uma vez que:

S o m o s P e s s o a s
S o m o s M ã e s e
P a i s
S o m o s
P r o f i s s i o n a i s
S o m o s M u l h e r e s e
H o m e n s
S o m o s A c e r t o s
S o m o s E r r o s
S o m o s A l e g r i a s
S o m o s T r i s t e z a s
S o m o s I n t e n s o s
S o m o s s e m p r e
i n t e n s o s
P o r q u e s o m o s . . .
G E N T E





AUTOR DA FOTO: CIEJA ITAQUERA

EM TEMPOS DE PANDEMIA, INCLUIR É MAIS QUE NECESSÁRIO, É IMPRESCINDÍVEL.

Merci Rodrigues Medeiros- Coordenadora Geral- Bárbara Dias Lazo Neves, Tatiana Cardoso Leal dos Santos Naves- Assistente Pedagógico Educacional- e Cristiane Soares Nascimento de Assis, Nadir Pereira Kolbe - Professoras de Atendimento Educacional Especializado;

Elaboração Reflexiva pensada por: Merci Rodrigues Medeiros - Coordenadora Geral - Bárbara Dias Lazo Neves, Tatiana Cardoso Leal dos Santos Naves - Assistente Pedagógico Educacional - e Cristiane Soares Nascimento de Assis, Nadir Pereira Kolbe - Professoras de Atendimento Educacional Especializado.

Aqui, no Cieja Itaquera, a Inclusão de nossos estudantes com deficiência sempre foi pauta importante do nosso fazer pedagógico, pois acreditamos que todos os estudantes da EJA, em algum momento da sua vida escolar, foram excluídos. Sabemos que vários são os motivos desta exclusão, desde problemas sociais, econômicos, familiares, até mesmo políticas públicas excludentes. Diante deste quadro, sabemos da importância do retorno deste estudante à Escola e da tarefa primordial da Escola nos acolhimentos.

Nestes tempos tristes, de pandemia e desesperança que vivemos, acreditamos que o acolhimento permite que a inclusão seja efetivada, de maneira mais eficiente. Temos em nossa Unidade cerca de oitenta estudantes laudados e, por isso, tivemos que pensar em propostas diferenciadas para fazê-los perceber que apesar de distantes fisicamente, por conta do isolamento que vivemos todo o ano letivo de 2020, eles fazem parte de nosso fazer cotidiano. Acreditamos que a pandemia sem Escola seria, para todos nós, um período mais difícil do que estamos vivendo.

A seguir, nossas Coordenadoras Pedagógicas Bárbara e Tatiana e as professoras especialistas Nadir e Cristiane relatam um pouco da nossa prática efetuada de forma online, com nossos estudantes durante este período.

O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO CIEJA ITAQUERA EM TEMPOS DE PANDEMIA E ISOLAMENTO SOCIAL.

A orientação aos responsáveis, o planejamento interdisciplinar e o Desenho Universal para Aprendizagem abrem caminhos para a inclusão nas aulas não presenciais.

Em um curto resgate de tempo, neste momento de incertezas e na preparação de projetos não presenciais, colocamo-nos diante do desafio que nos apresentava, principalmente para nossa Unidade: o Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos de Itaquera (CIEJA Itaquera). Centro esse cujo o foco é a inclusão como ponto primordial do seu fazer. Após debates reflexivos, elencamos os desafios abaixo discriminados:

- Como garantir o acesso dos estudantes com deficiência a esse novo modelo de aulas online?
- Como possibilitar uma real aprendizagem no uso do Caderno Trilhas?

Objetivando sucesso na busca de caminhos possíveis para esta nova realidade, nós, coletivamente entre equipe Gestora, professores e PAEEs da escola, traçamos os encaminhamentos para garantir que os estudantes com deficiência continuassem participando ativamente das aulas e a inclusão acontecesse como já se consolidava na prática das nossas aulas presenciais.

O primeiro passo foi retomar o contato com os responsáveis, com o objetivo de esclarecer a todos a proposta de aulas não presenciais da SME. Assim fizemos usando a tecnologia que antecede os computadores que neste momento são nossas salas de aula. Fizemos ligações para acolher estas famílias e responsáveis que se mostravam ansiosos diante das novidades. Foi preciso um movimento conjunto de Gestão, professores e PAEEs para orientação, para tirar as dúvidas e, principalmente, reencontrar nas famílias, residências terapêuticas e abrigos quem continuaria sendo nossa referência para a retomada da parceria escola / família no uso da tecnologia para acesso as aulas e de

desenvolvimento das atividades do Caderno Trilhas.

Em seguida, de posse deste levantamento, já tínhamos em mãos um mapeamento atualizado de como se daria o processo de acesso dos estudantes em suas casas. Investigamos quem tinha mais facilidade, quais eram as principais barreiras, e, principalmente, quais estudantes precisariam de mais apoio nesse novo momento devido às inúmeras situações de vulnerabilidade que caracterizam a vida da maioria dos nossos estudantes.

Agora era preciso maximizar oportunidades de aprendizagem igualitárias a todos os estudantes, e ter cuidado com o formato de aula que fosse bem planejado. Do contrário, aumentar-se-ia a probabilidade de reforçar a exclusão.

Nosso Projeto Político Pedagógico (PPP) já tem como Currículo o planejamento interdisciplinar por áreas de conhecimento. Isto possibilita a interdisciplinaridade e a participação das PAEEs nesses planejamentos para orientação e indicação de tecnologias assistivas que viabilizam ainda mais a inclusão.

Na elaboração das aulas não presenciais não foi diferente. Os encontros para planejamento passaram a acontecer online, mas as diretrizes do PPP continuaram as mesmas, tendo o Desenho Universal para Aprendizagem como o ponto de partida para as propostas didáticas das aulas. Com a adesão ao Caderno Trilhas como orientador garantimos aos estudantes a mediação necessária para o uso desse material e apropriação das temáticas.

Enfim, os planejamentos continuaram seguindo os princípios do DUA: aulas utilizando vários recursos audiovisuais, exercícios orais permitindo a interação dos estudantes estimulando a aprendizagem por meio das emoções, das artes, e atribuindo significado às temáticas abordadas em momentos de confinamento.

As atividades interdisciplinares sendo contextualizadas permitem o uso de diferentes habilidades para a interação nas aulas: áudio,

vídeo, imagem, escrita, expressões específicas do mundo virtual - como os emojis e as figurinhas - e todos os outros recursos que a tecnologia proporciona.

O conjunto desses encaminhamentos e ações nos mostraram que boas práticas efetivam a inclusão. Para isto, há tempos militamos para que se rompa no ambiente escolar e no ambiente familiar a ideia de que o estudante com deficiência não aprende. Afirmamos que aprende, afinal, o fato de ser uma pessoa com deficiência não lhe tira o direito de aprendizagem. Todos aprendemos se nas aulas forem usadas diferentes estratégias, diferentes linguagens. Exemplificamos aqui o bom resultado de todo esse processo das aulas não presenciais com a temática de duas aulas. A aula de “Saneamento Básico”, interdisciplinar entre Matemática e Ciências Naturais, e na área de Ciências da Natureza, a aula “Diversidade Cultural - Migrações” interdisciplinar entre a área de Ciências Humanas (História e Geografia) e Linguagens e Códigos (Educação Física).

Nas duas aulas, os professores fizeram uso de diversas estratégias para apresentar o conteúdo, como vídeos, áudios, fotos, imagens, música. Levando em consideração que o planejamento, a elaboração e o pensar em conjunto nos atenta ao cuidado com o tamanho da fonte e as cores utilizadas nos slides, por exemplo. Tudo para deixar o conteúdo mais atraente e de fácil compreensão.

Também eliminamos barreiras de aprendizagem na conversa com os responsáveis (comunicação essencial no ato educacional e ainda mais constante nas aulas não presenciais), mostrando que existem possibilidades e que devemos tentar sempre.

Sabemos que o nosso público é bem diversificado. Temos estudantes que conseguem registrar no caderno, outros que mandam áudios, e outros que não conseguem registrar. Por isso, é preciso, durante os planejamentos, pensarmos em mais estratégias de atividades e de comunicação que propiciem a estes estudantes se expressarem adequadamente.



AUTOR DA FOTO: CIEJA ITAQUERA

Após a apresentação das duas aulas “Saneamento Básico” e “Diversidade Cultural” e das comandas das atividades ao estudante Flávio Brilhante (que neste relato ilustra um dos bons resultados da nossa prática) retomamos o contato com sua irmã, Paula. Esta recebeu orientação dos professores para mediar as produções de seu irmão, e, nessa interação professores / estudante / família, a irmã percebeu que ele tinha aprendido a importância do lixo passar três vezes por semana. Portanto, compreendeu que é preciso deixar o lixo separado e pronto para ser recolhido. Na aula sobre Diversidade Cultural, as variadas opções sugeridas como interação possibilitaram que a parceria de aprendizagem em casa com a irmã oportunizasse a criatividade para fazer o vídeo, mostrando que o conteúdo foi assimilado pelo Flávio. Ao mostrar que somos pessoas diferentes e convivemos com diversas, foi possível compreender que se deve respeitar todos os povos que aqui residem. Finalmente os resultados desta prática reforçam as metas do nosso PPP para contribuir com a transformação, humanização e inclusão dos nossos estudantes e comunidade.



AUTOR DA FOTO: CIEJA ITAQUERA

AUTOR DA FOTO: EMEF BENEDITO CALIXTO



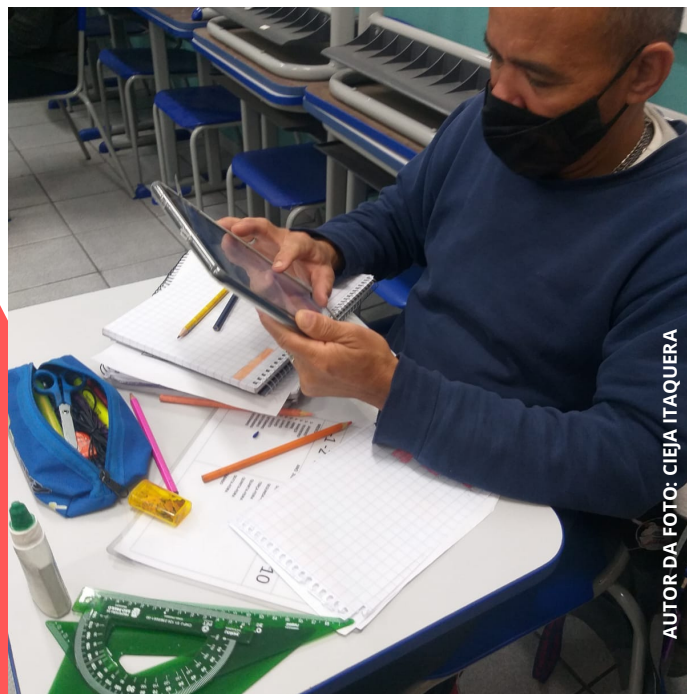
TODOS PELA GARANTIA DO DIREITO

SELMA SOARES
PROFESSORA ALFABETIZADORA DO
CIEJA

PAULO FREIRE afirmou "não existe imparcialidade. Todos são orientados por uma base ideológica. A questão é: sua base é inclusiva ou excludente?" No momento em que comemoramos o seu centenário, é cada vez mais latente o diálogo sobre essa pauta e a reflexão-ação-reflexão. Enquanto educadora, permito-me trazer essa afirmação a respeito da Educação Inclusiva.

Estou no CIEJA Itaquera desde o início de 2021 e a cada dia me deparo com jovens, adultos e idosos com diferentes dificuldades, visíveis ou não, com diferentes trajetórias, diferentes saberes. Todos, porém, com experiências e leituras de mundo que busco sempre valorizar. A partir das rodas de conversa nos conhecemos e reconhecemos enquanto seres aprendentes e, a partir dessas relações, aprendemos cada vez mais. Sou sensível ao momento delicado que estamos vivendo desde 2020 por conta da pandemia, sendo assim ainda há alunos que conhecem a mim e aos demais professores apenas pelas plataformas por vídeos e lives que fazemos pelo Google Classroom.

Nas aulas trazemos situações que os estudantes vivenciam na vida diária, e assim refletimos e nos aprofundamos em relação à alfabetização em Língua Portuguesa e Matemática. Buscamos trabalhar de forma humanitária, incentivando a escuta, o acesso à tecnologia, ensinando a utilização do tablete, ressaltando que todos tem direito à uma Educação digna e que nunca é tarde para estudar, para criar, para cantar, para aprender, para viver a vida de maneira plena. Sinto que a maioria que frequenta o CIEJA se sente mais sujeito da própria vida, mais "gente," e que isso traz aumento da autoestima.



AUTOR DA FOTO: CIEJA ITAQUERA



AUTOR DA FOTO: CIEJA ITAQUERA



AUTOR DA FOTO: CIEJA ITAQUERA

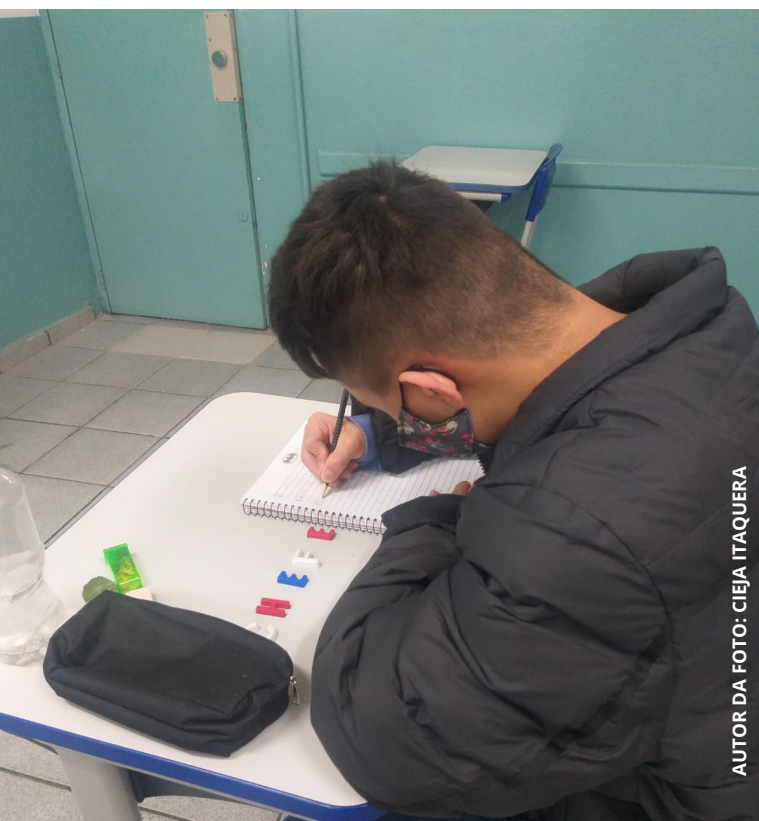
Para Eduardo, Evaldete, Emerson, Wellington, e tantos outros estudantes do CIEJA, vejo na dedicação, no esforço, na alegria e na superação de cada dia uma motivação para mim, enquanto professora. Pessoalmente, a diferença deles me ensina, me faz aprender, pesquisar, estudar ainda mais. Neste período de quase um ano aprendi muito com as diferenças que encontrei no CIEJA. Tenho uma aluna haitiana, alunos com deficiência intelectual, física, idosos, etc... Nesta trajetória de 2021, percebemos o esforço de muitos alunos e alunas para dar continuidade aos estudos por conta do desemprego, de comorbidades, por exemplo. Algo que notei com muita frequência são pessoas idosas com dificuldade visual mas sem condições para comprar seus óculos.

Nosso trabalho no CIEJA é pautado em muita parceria. Parceria esta que conta com o apoio da Equipe Gestora, dos professores e professoras, dos(as) AVEs, dos(as) funcionários(as) e das mães que chegaram para somar com a Educação no CIEJA.

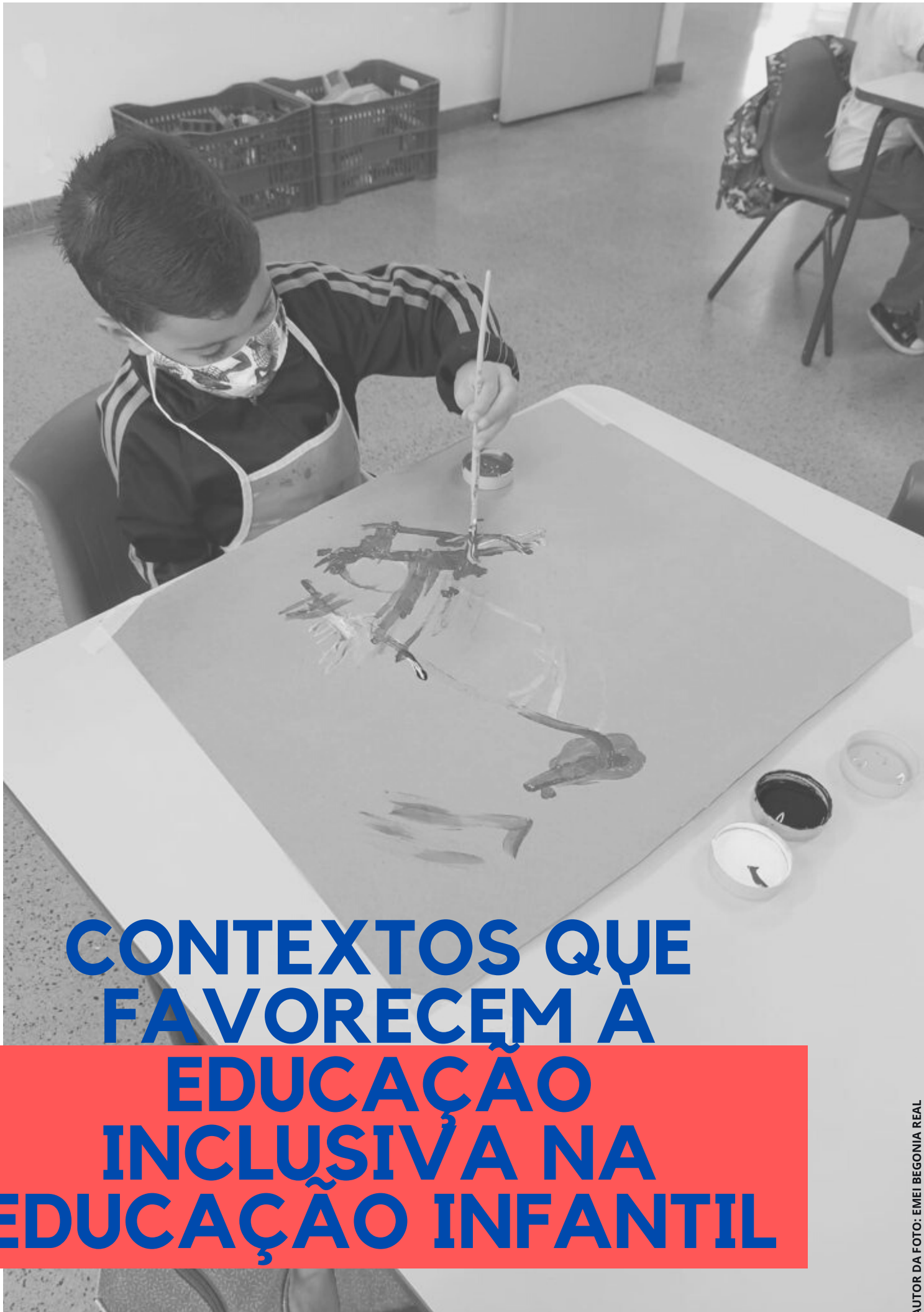
Retomando Paulo Freire: "O educador se eterniza em cada ser que educa...". Eu fico lisonjeada por ser a professora desses alunos incríveis e espero contribuir positivamente na vida de cada um além dos muros e portões da escola.



AUTOR DA FOTO: CIEJA ITAQUERA



AUTOR DA FOTO: CIEJA ITAQUERA



**CONTEXTOS QUE
FAVORECEM A
EDUCAÇÃO
INCLUSIVA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

AUTOR DA FOTO: EMEI BEGONIA REAL

THALITA CRISTINA PRUDENCIO DE
AMORIM
COORDENADORA PEDAGÓGICA DA
EMEI BEGONIA REAL

Os princípios que regem uma Educação de qualidade para todos(as) estão pautados nos conceitos de Educação Integral, Inclusiva e Equânime. Neste sentido, a Educação Integral respeita o indivíduo como um todo, não tendo práticas educativas que fragmentem os saberes. Pelo contrário, busca-se na práxis o desenvolvimento do ser humano em todas as dimensões: intelectual, social, física e afetiva (ECA - BRASIL, 1990; DCNEI-BRASIL, 2010^a e BNCC – BRASIL, 2017).

A Educação Inclusiva amplia sua visão para a diversidade, reconhecendo e valorizando as diferenças, sejam elas de caráter intelectual, sensorial, social, linguístico, ou cultural. Conjuntamente, procuram-se estratégias e planos de ação educativos que auxiliem na eliminação ou diminuição de barreiras que impedem o acesso ao conhecimento e as vivências na Unidade Educacional que a criança frequenta (MANTOAN, 2018; VILARONGA & MENDES, 2014). Esse trabalho colaborativo de toda comunidade educativa é essencial para compreendermos que a educação especial na perspectiva da Educação Inclusiva é feita por todos(as) e para todos(as).

Por fim, a equidade foca em subsidiar e oportunizar, para aqueles que necessitam de uma intervenção ou um apoio diversificado, formas, estratégias e recursos para terem seus direitos respeitados. Em que pese a importância dos serviços de Educação Especial e de seus serviços de apoio em nossa Rede Municipal de Ensino, enfatizamos que a nossa política educacional vigente é da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, não substitutiva, mas complementar.

A partir dessa premissa, o trabalho pedagógico visando o desenvolvimento e a aprendizagem infantil das crianças, público da Educação Especial, precisa também vir com um processo formativo constante, com uma visão abrangente,

...a equidade foca em subsidiar e oportunizar, para aqueles que necessitam de uma intervenção ou um apoio diversificado, formas, estratégias e recursos para terem seus direitos respeitados.

de que é através das interações nos contextos estruturais e relacionais que se compõe o ambiente. É na relação entre os sujeitos e no tempo decorrido entre essas transformações que cada indivíduo irá se desenvolver, em seu tempo, à sua maneira.

Essa transformação e aprendizado constante do adulto-educador, em nossa experiência na EMEI, tem passado por concepções, pelo Projeto Político Pedagógico, pelas formações em horários coletivos e caminha nas devolutivas sistemáticas da Coordenadora Pedagógica. Tais estratégias possibilitam que esse projeto seja incorporado por todos(as) na escola. A articulação com a PAAI de referência, com a PAEE do entorno e com os profissionais da Rede de apoio, também tem trazido boas contribuições para pensarmos nessas possibilidades em nosso território.

O nosso Currículo da Educação Infantil enfatiza que a Educação é um processo social, portanto está implicada nas relações interpessoais, nas interações com o outro e com o ambiente – a escola - em que a criança está inserida. Dessa forma, a escola, nos diferentes tempos e espaços da Educação Infantil é um lugar privilegiado de oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem para as diversas infâncias.

No sentido prático, podemos observar que as Unidades Educacionais que têm as crianças como centro de suas propostas, ao pensarem na estruturação, configuração dos espaços, materialidades disponibilizadas, nas ações pedagógicas, nos tempos, no projeto institucional, entre outros fatores, têm como foco as crianças. Crianças que se expressam por meio da cultura infantil e desenvolvem-se integralmente, fazendo uso de suas mais de cem linguagens, como contribui Loris Malaguzzi.

Recentemente, autores como Makida-Dyonisio; Martins e Gimenez (2016); Panizzolo (2013), e Carvalho (2011), são alguns dos pesquisadores que têm investigado sobre os ambientes, tempos e espaços como sendo fatores relevantes para um processo educativo e inclusivo de qualidade. O lugar em que ocorrem as aprendizagens e que, como ressalta Horn (2004), nunca é neutro, sempre comunica algo. Esse é o fenômeno denominado pelo italiano Mario Gennari (1997) como “Pedagogia do Ambiente Educativo” ou “Pedagogia do Lugar”, que reitera a importância de contextos favorecedores do desenvolvimento infantil, e enfatiza que quando estes espaços físicos são bem estruturados e organizados se tornam um segundo educador, a medida que otimizam a aprendizagem e oportunizam diferentes interações (FARIA, 2007; MALAGUZZI, 1999; PANIZZOLO, 2013).



AUTOR DA FOTO: EMEI BEGONIA REAL



AUTOR DA FOTO: EMEI BEGONIA REAL

Refletir sobre esses contextos ricos, desafiadores, criativos e favorecedores para o desenvolvimento de todos e todas, com ou sem deficiência, é tão importante como discutirmos questões da Educação Especial, por exemplo. Por um lado, garantimos o direito aos serviços de Educação Especial, organizamos estratégias, serviços e recursos de acessibilidade para aqueles(as) que necessitam. Por outro, procuramos qualificar os contextos para todos(as), pois o intuito não é adequar as propostas, mas diversificar e ampliar as possibilidades e as formas de fazer e ser, propondo um “espaço de pluralidade e diferença, um espaço onde a liberdade pode aparecer e onde indivíduos singulares e únicos podem vir a ser no mundo” (BIESTA, 2020 p.132).

Ao compreendemos a inclusão como um processo sistêmico, vemos que não conseguimos sozinhos. Precisamos da parceria com as famílias, com os educadores e educadoras, com a Supervisão, com o CEFAL, com profissionais de setores intersetoriais, entre tantos outros parceiros. Tudo isso para pensarmos juntos nas situações conflituosas e desafiadoras que acontecem dentro da escola, tendo o entendimento que não somente a aproximação dos sujeitos, mas a mediação pedagógica e o diálogo reflexivo em contexto, nos auxilia a vincular o que já se sabe e o que virá a ser aprendido e é o que traz sentido e ressignifica as diversas ações do ser humano. (OLIVEIRA, 2010; MARTINS, 2009; VYGOTSKY, 1994).

Neste sentido, uma escola inclusiva promove não somente espaços pensados com e para a criança, nem tão somente na interação entre os sujeitos, mas uma troca conjunta e significativa entre estes. Nesta conceitual, Pichón-Riviére (2007) descreve "vínculo" como um aspecto de interação mais elaborado. Isto é, "vínculos" são interdependentes e se estabelecem com e nas relações entre os indivíduos, a sociedade e o ambiente em que se relacionam.

As figuras do Gestor e do Coordenador Pedagógico, nesta perspectiva inclusiva, devem auxiliar na formação e no desenvolvimento de propostas de trabalho colaborativas. Em síntese, parte-se do pressuposto de que a escola deve se reconhecer como uma instituição em movimento (IMBERNÓN, 2005), em uma comunidade aprendente.



AUTOR DA FOTO: EMEI BEGONIA REAL



AUTOR DA FOTO: EMEI BEGONIA REAL

Referências

- BARBOSA, M.C.B. HORN, M G.S. Projetos pedagógicos na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BARBOSA, M.C.S.. Culturas infantis: contribuições e reflexões. Ver. Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n.43, p. 645-667, 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/1870>. Acesso em: 20 dez. 2019.
- BIESTA, G. Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, MEC/SEE, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, MEC/SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/DPE, 1998. v. I, v. II, v. III.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BROUGÈRE, G. Brinquedo e Cultura. 4. ed. Cortez, 2001.
- CEPPI, Giulio; ZINI, Michele (org). Crianças, espaços e relações: como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso: 2013.
- GIMENEZ, R. A inclusão de indivíduos portadores de deficiência mental nas aulas de educação física: repensando sobre a prática. Revista Lecturas, v.11, n.98, p.114-132, 2006.
- GLAT, R.; FONTES, R. de S.; PIETSCH, M.D. Uma breve reflexão sobre o papel da Educação Especial frente ao processo de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais em rede regular de ensino. Revista Inclusão Social, 6, 2006.
- HORN, M. G.S. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- IMBERNÓN, F. Formação docente e profissional. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 77).
- MANTOAN, M.T.E. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- MANTOAN; M.T.E. Educação escolar de deficientes mentais: problemas para a pesquisa e o desenvolvimento. Cad. CEDES [online]. 1998, vol.19, n.46 [citado 2018-04-13], pp.00-00.
- MAKIDA-DYONISIO, C.; MARTINS I.C; GIMENEZ, R Status sociométrico de alunos com deficiência intelectual e com transtorno do espectro do autismo na educação infantil e ensino fundamental. Revista Educação Especial (UFESM), 33, e9/ 1-27. doi:<https://doi.org/10.5902/1984686X36641>
- PANIZZOLO, C. O lugar do brincar e o brincar do lugar. In: PANIZZOLO, C. (Org). O direito à infância e ao brincar. Recife: Pipa Comunicação, 2013, p. 57-72. (Cadernos de Residência Pedagógica)
- SODER, M. Devolver o deficiente à comunidade de onde foi excluído. O Correio da Unesco, 9 (8), 1981.
- VILARONGA, C.A.R. & MENDES, E.G. Ensino colaborativo para apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v.95, n.239, p.139-161, 2014.

ANDREA RENATA SARAIVA FRANCO
COORDENADORA PEDAGÓGICA DA
EMEI DENISE MERCIER

Fico muito feliz por poder escrever sobre Educação Especial, tema que está no meu coração e também na minha história. Por isso decidi, nesta ocasião, contar uma história não só de quem faz, mas também de como se faz Educação Especial.

Era início dos anos dois mil, eu estava começando como professora naquela Escola Municipal de Ensino Fundamental, vindo de outra Unidade Escolar, portanto, a última a escolher na atribuição de turmas. Como costumava acontecer na época, fiquei com uma turma em que as crianças, apesar de já estarem na antiga quarta série, ainda não estavam, em sua maioria, alfabetizadas. Apresentavam alguma questão de comportamento, de aprendizagem e/ou social que lhes conferia o último lugar na opção de escolha de turma das demais professoras.

Recebemos, nesta turma, uma criança de doze anos. Ah sim, naquele tempo também eram retidos os estudantes por vários anos até, na mesma série, como era o caso de alguns de nossa turma. Pois bem, ela, vou chamá-la aqui de Mariana, era uma criança com deficiência intelectual, que passou por falta de oxigênio no cérebro durante o parto, fato descrito em seu prontuário e também por sua mãe.

A mãe da Mariana era muito presente e mesmo que minha jornada não permitisse tanta disponibilidade, sempre encontrávamos oportunidade para conversarmos. Fui conhecendo cada vez mais a Mariana, não só conversando com a mãe que contava sobre a convivência familiar dela, mas também de conviver com ela na escola. Percebi que ela gostava muito de brincar, passava praticamente todo o tempo assim: ela costumava sentar-se no chão com outras crianças, todas de estatura menor que a dela, que já tinha o desenvolvimento físico próprio de uma adolescente. Utilizavam as materialidades que estivessem disponíveis, e tínhamos materiais reaproveitáveis para criar brinquedos também.

Mesmo depois de ter passado anos sendo reprovada sucessivamente, a Mariana ainda não era alfabetizada. Comecei então a trazer livros, textos diversos, músicas, palavras, letras, calendário, material dourado, para que, dentro do interesse dela e de seus colegas, pudéssemos desvendar o mundo da leitura e da escrita. Fizemos jogos, montamos a agenda de nomes dos colegas, crachás de mesa para entregarem encontrando o nome do colega, competição entre equipes para montar palavras da história lida, procurar o trecho da música onde tinha parado de tocar, contagem das crianças e divisão de grupos... rindo, se divertindo, brincando com muita alegria, Mariana e outros colegas se alfabetizaram, criavam textos, histórias, bilhetes, cartas, listas, obras de arte que assinavam com seu nome artístico, como renomados artistas que conhecemos também... juntos e também individualmente, com autonomia. Foram aprovados e seguiram para o que era chamado de ginásio, hoje, Ensino Fundamental II.



AUTOR DA FOTO: EMEI DENISE MERCIER

Anos depois, eu já Coordenadora Pedagógica, em Reunião Pedagógica, conversando com o grupo de professores da Unidade em que trabalhava, discutíamos sobre a criação de Sala de Apoio à Inclusão. Alguns eram contrários, alegando que a Sala atrairia ainda mais o crescente público-alvo da Educação Especial. Eu defendia a importância de nos prepararmos para qualificar nosso atendimento ao público que receberíamos cada vez mais não só na escola, mas também em todos os outros espaços como bancos, restaurantes, supermercados, hospitais, empresas em geral, sendo atendidos e também atendendo. Após um breve relato meu, uma professora levantou-se durante a conversa e perguntou “Então foi você que alfabetizou a Mari?” Contou que tinha trabalhado com ela anteriormente, na outra escola e sobre os avanços que teve. Que emoção em saber do sucesso dela!

Fundamos a Sala de Apoio à inclusão, em pleno funcionamento até hoje, atendendo crianças até mesmo de outras Unidades. Por meio das formações oferecidas pela Diretoria Regional de Ensino para as quais eu, estrategicamente, enviava professores para participar, percebi a mudança de olhar de alguns que anteriormente acreditavam que aqueles estudantes teriam que estar segregados em escolas especiais e não ali conosco. O discurso e a prática mudaram.

Essa professora, que foi também professora da Mariana, foi depois Supervisora da escola em que trabalho atualmente, agora na Educação Infantil, e assim continuamos o desafio de atender com qualidade nossas crianças.

Fazendo TODOS JUNTOS a Educação Especial!





SERVIÇOS DE APOIO NA GARANTIA DA DIGNIDADE

AUTOR DA FOTO: CEFAL ITAQUERA

PROJETO REDE
AUXILIAR DE VIDA ESCOLAR
AVEs
VIVIANE GRANZOTTO
PSICOLOGA MND

Responder essa pergunta me causa grandes inquietudes e, talvez, certas provocações .

A Educação Especial, pra mim, é algo desafiador, uma aprendizagem constante e diária. É infinita.

Na Educação Especial não temos regras, não temos o certo ou o errado. Temos o olhar singular, individual e único para aquela pessoa. E aprendemos com cada uma delas. Afinal, elas nos ensinam e muito!

A atuação do Núcleo Multidisciplinar do Projeto Rede, junto ao CEFAl tem uma parceira que contribui para ampliar os caminhos e contribuir

para o desenvolvimento dos estudantes com deficiência da Rede Municipal.

A parceira com a Rede de Proteção tem contribuído amplamente para o acesso aos serviços, equipamentos e, principalmente, para a inserção desse público nos serviços especializados e direcionados.

O caminho não é simples, mas é uma construção que traz cada vez mais conhecimentos e aprendizagens .



AUTOR DA FOTO: CEFAl ITAQUERA

AVES IVANIRA APARECIDA DA SILVA E ISABELLA DA ROCHA GOMES

A Educação Especial é um ramo voltado para estudantes com deficiência, TEA ou Altas Habilidades e Superdotação, que enfatiza a socialização, o desenvolvimento e a superação de limites.

Alguns estudos apontam que os estudantes especiais se desenvolvem melhor na escola, juntamente com os outros estudantes, pois se socializam e trocam experiências.

No desenvolvimento das atividades diferenciadas, o estudante percebe suas capacidades e descobrem do que são capazes, mostrando que todos são iguais, apesar das diferenças.

A Educação Especial é de fundamental importância, pois prepara as novas gerações para vencer o preconceito e a desigualdade social.

Ao trabalhar na Educação Especial temos contato com pessoas que não conhecíamos antes. Essa experiência é uma forma diferente de amor, pois a cada momento aprendemos com eles uma forma diferente de ver e viver a vida.

Todos os dias nos motivamos com suas vontades de aprender e viver novas experiências.

Os estudantes atendidos pela Educação Especial têm uma sabedoria diferente que nos motiva a trabalhar. Eles também nos ensinam a respeitar o próximo, mostrando que todos somos iguais e todos temos nossos valores.

Apesar das limitações, todos são capazes de aprender no seu próprio ritmo. Em nosso trabalho buscamos promover a igualdade de oportunidades para que todos possam ter uma vida mais feliz.



AUTOR DAS FOTOS: BENEDITO CALIXTO

PROGRAMA APRENDER SEM LIMITES
DANIELA LOURENÇO DOS SANTOS
JANAINA PEREIRA LIMA
KARINA LEITE RENTZ
PATRICIA CARLA LIMA GALVÃO

A nomenclatura sempre é algo marcante em toda trajetória na Rede Municipal de Educação da Cidade de São Paulo. Somos Professoras(es) de Apoio e Acompanhamento à Inclusão (PAAIs), portanto atuamos no CEFAl, um setor pedagógico pertencente à DIPED. Só essas siglas dariam um enorme texto como todas as outras siglas pertencentes ao nosso dia a dia.

Nesse contexto, trazemos o nome “Aprender sem Limites”. Trata-se de um programa de estágio como serviço de apoio, que traz em seu nome a UTOPIA que nos guia e impulsiona a trabalhar com Educação Especial.

Apesar de termos mais de duas décadas da promulgação de políticas públicas voltadas à educação inclusiva, esse processo ainda traz muitas dúvidas e anseios dentro do contexto escolar.

De acordo com LOPES; LENHADO; CAPELLINI (2014.p, 41)

A formação docente no Brasil, atualmente, é um elemento relevante e igualmente preocupante, sobretudo no que se refere aos conhecimentos oferecidos nos cursos de licenciatura sobre a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Quando essa modalidade é oferecida nos cursos de formação de professores, geralmente, é por meio de uma disciplina específica. Isto, entretanto, não garante bases teóricas e práticas, tampouco condições de trabalhar pedagogicamente com a diversidade discente.

Neste aspecto, a formação inicial apresenta um déficit que muitas vezes sobressai com grande força dentro da sala de aula, principalmente na atuação com os estudantes público da Educação Especial.

Neste contexto, a Secretária Municipal de Educação de São Paulo procurou o mesmo

trajeto de política pública em âmbito nacional voltada para a Educação Inclusiva. No ano de 2010, instituiu-se o PROGRAMA INCLUI (Decreto 51.778/2010) com objetivo de atender os estudantes que são o público da Educação Especial pela Secretaria Municipal de Educação com a perspectiva da construção e consolidação do sistema educacional inclusivo. O programa é composto por diversos projetos, dentre eles o de apoio, instituindo, assim, o programa de estagiários para estudantes de Pedagogia. Podem participar do processo seletivo os estudantes a partir do segundo semestre tendo o contrato por um ano prorrogado por mais um ano com parceira entre a Prefeitura de São Paulo e o CIEE (Centro de Integração Empresa Escola).

Com a reformulação da política pública da Prefeitura Municipal de São Paulo no ano de 2016, a partir da publicação da Política Paulistana da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, o programa de estagiários passou a ser denominado “Aprender sem Limites”.

A ação dos estagiários tem o objetivo de acompanhar, avaliar e auxiliar o professor regente de classe comum para a participação dos estudantes, público da Educação Especial, nas atividades pedagógicas. Esse termo veio ao encontro da Educação Especial por ser uma modalidade transversal que perpassa todos os níveis de ensino.

Acreditar em uma vida mais digna e em uma sociedade mais justa parte do pressuposto de que APRENDER é direito de todos e de cada um. É compreender que todos são capazes de aprender e não há – e nunca haverá - limites para as aprendizagens. As trocas, as experiências, as escutas e, principalmente, os

olhares que vêm do outro promovem aprendizagens significativas. Desta forma, o Aprender só existe quando é disponibilizado e **ACESSÍVEL** a todos.

Ao assumirmos a frente formativa dos estagiários do programa "Aprender sem Limites", nos deparamos com medos e furores característicos do início de carreira. Também, com os sonhos e dificuldades diárias de quem ainda não tem a certeza do "futuro" na profissão, mas que traz junto as descobertas acadêmicas, a vivência do que é ensinar em um contexto inclusivo e, neste sentido, procura oferecer o olhar acolhedor, a contextualização e reflexão. Reflexão esta acerca da historicidade a partir da luta da pessoa com deficiência que propulsiona uma nova constituição social. Juntos aprendemos a aprender, ensinar e mediar aprendizagens diariamente.



EMEF BRIGADEIRO CORREIA DE MELO
ESTAGIÁRIA - STEFANNY MATSUO DE BRUM
SOARES

Educação Especial para mim hoje tem um significado maior depois que ingressei no estágio do CEFAL e conheci o trabalho magnífico da Professora Adriana.

Pude, aos poucos, aprender a observar como cada aluno é especial e a entender que suas limitações não são barreiras que os impedem de evoluírem dentro e fora da escola.

O ambiente escolar faz toda diferença quando vemos o aluno evoluindo e se desenvolvendo cada vez mais em todos os segmentos que ele integra.

Antes de ingressar nesse projeto, eu não tinha nenhuma experiência com criança da Educação Especial. Sabia a teoria da faculdade, mas quando nos damos conta de que cada pessoa

faz a diferença na vida do aluno, vemos que tudo vale a pena.

Educação Especial é desde o aluno até a Direção da escola; é a família unida para também continuar em casa com a evolução constante, pois hoje eles estão na escola e amanhã ingressarão na vida cotidiana. Assim, o maior privilégio é sabermos que os alunos ganharão espaço na sociedade como eles têm hoje em sala de aula.

O pouco tempo que estou aqui, tenho a certeza que pretendo seguir esse caminho e trabalhar em prol das crianças. Pretendo fazer mais formações para me aprimorar e fazer a diferença na vida de cada criança e de cada família que conheci.



EMEF ROQUETTE PINTO

ESTAGIÁRIA: ALESSANDRA MOREIRA SANCHES

Vivemos em uma sociedade plural e diversificada, com cada um aprendendo a seu tempo e ao seu modo, e que bom que somos diferentes! Assim, podemos contar histórias como de Albert Einstein, Daniel Dias, Vicent Van Gogh, Satoshi Tajiri e tantos outros que podem nos inspirar.

Educação é isso: inspiração e diversidade. Saber inspirar o melhor de cada um, dentro de uma sala de aula formada por Marias e Eduardos, todos diferentes, é um trabalho de carinho e persistência, tentando oferecer a mesma oportunidade em sala de aula. Então por que usar o termo Educação Inclusiva ou Especial?

Infelizmente, **vivemos em uma sociedade que, mesmo diversificada, traz “pré-conceitos” que ainda não conseguiu mudar, como conceito da palavra “normal”.**

A escola, dentro desse cenário diverso, vem ensinar a convivência. Durante esse período de estágio, estou tendo a oportunidade de “viver essa diversidade” e aprender o respeito, a igualdade, mudando, assim, o modo de ver e experimentar cada situação. Estou vivenciando uma escola que busca atender sem distinção e permitir o acesso a todos os conteúdos, dentro de um período de pandemia, quando as diversidades e desigualdades se tornaram mais expostas, visíveis e maiores. Fazer com que

esse conteúdo seja acessível não é tão simples, mas tenho presenciado muito empenho, carinho e respeito. Apesar de toda dedicação da Escola, a maior lição que tenho aprendido é que precisamos de um vínculo entre escola e família, para que a inclusão realmente aconteça. Sem isso, por mais que a escola busque materiais e recursos diversos, se a família não caminhar junto, apoiando (quer seja dando continuidade ao trabalho pedagógico em casa, quer seja por meio de apoio com terapias e tratamentos que muitas vezes se fazem necessários), o trabalho pedagógico fica incompleto. Não digo que é perdido, mas essa conexão Escola & Família vai permitir que o estudante consiga se desenvolver de forma completa (cognitivo, social, emocional e pedagogicamente).

O estudante precisa desse conjunto para que realmente possa se sentir incluído e fazer parte do todo. A inclusão não começa só na escola. Ela tem que ocorrer em todos os momentos e lugares, e, principalmente, dentro do lar de cada aluno. Dessa forma, ela pode se expandir para além dos muros da ignorância dos olhos alheios que não compreendem o verdadeiro valor da diversidade. Só assim a palavra Inclusão ou Especial poderá ser usada em outros sentidos que não estejam ligadas à Educação ou exclusão, pois todos somos especiais e únicos.



AUTORIA DA FOTO: EMEF ROQUETTE PINTO



NADA SOBRE NÓS SEM NÓS

AUTORIA DA FOTO: EMEF BRIGADEIRO HAROLDO VELOSO

EDSON PLATEIRO,
PAEE
EMEF BRIGADEIRO
HAROLDO VELOSO

Se uma pessoa fosse consultar no Google o que é Educação Especial encontraria, no Wikipedia, o seguinte:

“Entende-se por Educação Especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de Educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.” E continua, “... Ela se desenvolve em torno da igualdade de oportunidades, atendendo às diferenças individuais de cada criança através de uma adaptação do sistema educativo. Dessa forma, todos os educandos podem ter acesso a uma Educação capaz de responder às suas necessidades. A Educação Especial tem ganhado visibilidade nas últimas duas décadas devido ao movimento de Educação Inclusiva, mas tem sido também alvo de críticas por sua exclusividade e por não promover o convívio entre as crianças público da Educação Especial e as demais crianças”.

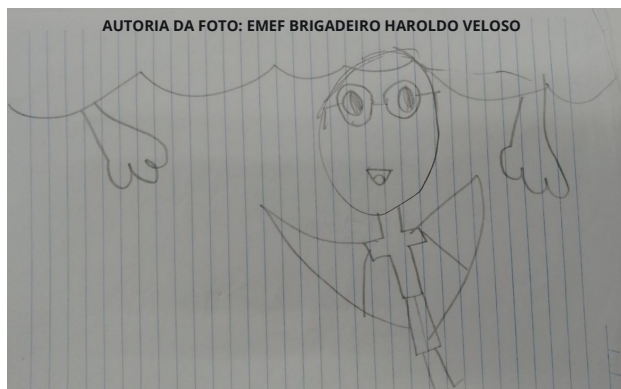
Essa definição coloca frente a frente dois conceitos que devemos ter bem claros. A Educação Especial tem um caráter de garantir a acessibilidade do educando aos bens culturais e atividades que a escola proporciona. A inclusão é um princípio mais topológico e deveria orientar toda a sociedade, independente de se estar, ou não, dentro de uma unidade escolar.

Na escola, o princípio de inclusão garante que “todos” tenham direito à aprendizagem, enquanto a Educação Especial, no seu recorte com as crianças com deficiência, que dela necessitem,



indica como este direito será materializado. No mês em que Paulo Freire, o maior filósofo da Educação que conheci, completaria 100 anos, vale aqui umas poucas palavras. Seu trabalho tinha esta característica: de revolucionar e de estremecer a sociedade por meio de uma transformação social. Para tanto, em sua obra que é referência nas Ciências Humanas, “Pedagogia do Oprimido”, ele destaca a importância da desconstrução dos mitos que alienam o oprimido. Esta desconstrução se daria pela alfabetização, no contexto da práxis revolucionária, como ato no qual o homem em amor com outros homens, e mediado pela palavra, vem a conhecer o mundo. O mito carrega uma característica normativa gerada pela mídia, pela cultura e imposta pela elite dominante: a realidade não é a realidade do real, mas a realidade da norma!

Eis aí o meu conceito de Educação Especial, qual seja, um modo de lutar contra os mitos que estão dentro da escola e que impedem as pessoas de ver a realidade: que a escola deveria ser um lugar onde se matricula o aluno e pronto! Sem necessidade de uma Sala de Recursos ou de qualquer outra desculpa para colocar aquele que não se encaixa nas normas dentro da caixinha da estranheza.



O QUE É A EDUCAÇÃO ESPECIAL E A ESCOLA PARA A FAMÍLIA?

RELATO DA MÃE DO ESTUDANTE
JOÃO VICTOR CARVALHO SOUZA CRUZ
EMEF BRIGADEIRO CORREIA DE MELLO
VANESSA CARVALHO SOUZA CRUZ

Primeiramente, nós, como pais, nunca queremos receber um diagnóstico deste: "Seu filho tem algum problema". Pelo menos pra mim, mãe do João Victor, foi difícil encarar essa realidade, mas com o passar do tempo percebi que fui presenteadada com o melhor, pois meu filho realmente faz jus ao "ser especial". Pensa numa criança amorosa, totalmente desprendida deste mundo doloroso e triste. Para mim, a Educação Especial é muito importante, principalmente quando a escola é comprometida e tem este olhar diferenciado podendo oferecer o melhor para as crianças trazendo assim essa inclusão dentro da sala de aula.

Passamos por escolas anteriores nas quais meu filho não foi muito bem recebido. Passamos, também, por alguns momentos de preconceito, tanto da parte profissional da escola quanto da parte dos amiguinhos, pois a escola não tinha um preparo para receber as crianças com deficiência, nem para acolher, nem para conversar com os colegas.



AUTORIA DA FOTO: EMEF BRIGADEIRO CORREIA DE MELLO ACERVO PESSOAL DA FAMÍLIA

Depois, nós nos mudamos de bairro e João foi transferido para a EMEF Brigadeiro Correia de Mello, onde tivemos um ótimo atendimento. João foi muito bem acolhido. Ele sempre vai animado pra escola e volta feliz, falando das atividades que teve em aula e que conseguiu fazê-las, contando as coisas que a professora falou. Eu vejo uma mudança no meu filho, o vejo entusiasmado, alegre. E isso vem trazendo grandes resultados no desenvolvimento do João. Quero agradecer a todos os profissionais que atendem ao João. Todos sem exceção. Desde o porteiro ao diretor. Todos são muito bem preparados.

João retorna para escola de terça e quinta para atendimento com a Professora Adriana. O Brigadeiro Correia de Mello foi a única escola a oferecer esse serviço, que percebo ser um serviço que garante a inclusão efetiva do João. À professora Adriana, com todo meu amor de mãe, quero dizer: "Muito obrigada por ser tão comprometida com o trabalho! Sou muito grata!"

CEU EMEF MARIA APARECIDA DE SOUZA CAMPOS

JOSILAINE SILVA EUFRAZIO,
MÃE E ESTAGIÁRIA

Meu nome é Josilaine e tenho 41 anos. Sou mãe do Lucas Francisco Silva Eufrazio. Hoje, Lucas tem 10 anos. Se eu relatar toda nossa trajetória daria um livro, mas vou tentar resumir. Lucas, meu primogênito, nasceu prematuro. Devido a isso, teve paralisia cerebral - PC pós parto. Conforme ele ia completando mês, eu observei que não tinha equilíbrio para sustentar a cabeça e controlar seu tronco. Embora, como mãe, tenha dificuldade em ter um olhar mais clínico, eu sempre prefiro encarar a realidade independente do que seja. Eu questionava a pediatra sobre o porquê do Lucas não ter reflexos ao tombar de lado; a resposta que ela me dava era de que como ele era prematuro, tudo seria atrasado. Aos 10 meses, eu insisti que o encaminhasse à equipe multidisciplinar. Após exames descobri a deficiência do Lucas. Ele apresentava um



AUTOR DA FOTO: CEU EMEF MARIA APARECIDA DE SOUZA CAMPOS



AUTOR DA FOTO: CEU EMEF MARIA APARECIDA DE SOUZA CAMPOS

comprometimento maior nos membros inferiores e superiores e, na medida que Lucas foi crescendo, apresentou dificuldades de vivências e explorações, impactando assim em seu desenvolvimento. Os terapeutas, pensando neste impacto, indicaram que eu o colocasse na escola desde cedo. Lucas era uma criança que só apontava tudo que queria, não se comunicava oralmente. Eu o conhecendo já sabia o que ele queria e em prontidão atendia. Engraçado que, para mim, era normal, pois associava todas aquelas manias a sua deficiência... SQN... Só após ele entrar na escola que fui que descobri quem era o Lucas. Vou relatar um episódio para vocês perceberem o quanto somos enganadas em relação aos nossos filhos com deficiência, mas não julgo, pois não temos um entendimento para que possamos discernir até onde é deficiência, e entender que existe uma pessoa ali também.

Bom, o episódio aconteceu quando Lucas iniciou na CEI e, logo no começo, como eu disse, para mim, ele não tinha oralidade, não expressava suas vontades e o que eu fizesse estava bom. Um belo dia chego a escola e a professora me diz: "Mãe, você não disse que o Lucas não fala? Pois ele montou uma frase... Disse que não gosta que a Fátima (AVE) troque ele, só o Odair (AVE)". Eu fiquei sem ação, cheguei a pensar se aquilo que ela dizia era verdade. Mas foi então que percebi quem era o Lucas fora de sua instituição familiar. Quando passou a frequentar a escola, começou a aprender e até a lidar com vários tipos de pessoas com suas particularidades. Foi quando mudei meu olhar para ele: vendo o Lucas como uma pessoa com possibilidades e capacidade de aprender, além de estar na escola só para se integrar. Lucas estuda no CEU Formosa desde a CEI e agradeço o acolhimento. Foram muitos ajustes para atender as dificuldades e necessidades do meu filho, desde a pré escola, pois chegou lá ainda com questões a serem desenvolvidas. Acredito que essas questões provinham de suas particularidades. Aprendi muito lá: que nem tudo depende de mim e da escola. Ele precisava ter paciência para sua maturação, mas também não poderia deixar de ser estimulado. Sei o quanto, como mãe de uma criança com deficiência, nos frustramos e queremos resultados e respostas imediatas. Da mesma forma que eu cobrava, eu ouvia as verdades, inclusive em reuniões com a Diretoria Regional de Educação. Uma frase que ouvi e me levou a refletir foi: "A escola é vida, é movimento, trabalhamos de acordo com as demandas para, aí sim, agir".


Sempre lutei para que o Lucas soubesse o porquê de ir na escola, qual seu papel. Para mim era de muita relevância, principalmente desde os primeiros anos escolares, ter uma auxiliar que, junto à professora, pudesse dar esse apoio para sua aprendizagem. Lucas estuda no CEU Formosa, na EMEF Maria Aparecida de Souza Campos, 5º ano. Eu agradeço a escola, gestores e todos colaboradores, em especial professoras Andrea Kron e Elaine Lazzo que fizeram com que o Lucas tivesse acesso às mesmas atividades que os colegas. Isso fez a

diferença para aprendizagem do Lucas e aumentou seu repertório. Quanto vocês foram fundamentais! Eu, como mãe, aprendo a cada dia sobre quem é o Lucas, sobre suas dificuldades e necessidades de acordo com sua faixa etária, por conta da vivência escolar. Decorrente de tudo isso, Lucas foi minha motivação para eu ingressar na faculdade, no Curso de Pedagogia, e atuar como estagiária na Prefeitura de São Paulo, no Programa "Aprender Sem Limites".

Agora vou relatar um pouco de minha vivência nesta área. Aprendi que, antes de qualquer coisa, é importante frisar que cada estudante é um ser individual, independente de ter ou não deficiência. Não existe uma receita de estratégias que irão facilitar as aprendizagens. Essas estratégias estão relacionadas aos fatores internos e externos. Como tenho meu filho, ele é meu laboratório que levei para minha vida profissional no momento que fui estagiária. Observei quanto é fundamental que todos os envolvidos ajudem o estudante com deficiência a despertar o interesse para aprender coisas novas, com o uso da TA (Tecnologia Assistiva) e envolver o aluno ativamente no aprendizado, não limitando o conhecimento, e dando acesso às novas possibilidades para que ele possa desenvolver suas habilidades. Nós devemos sempre acreditar que são capazes.

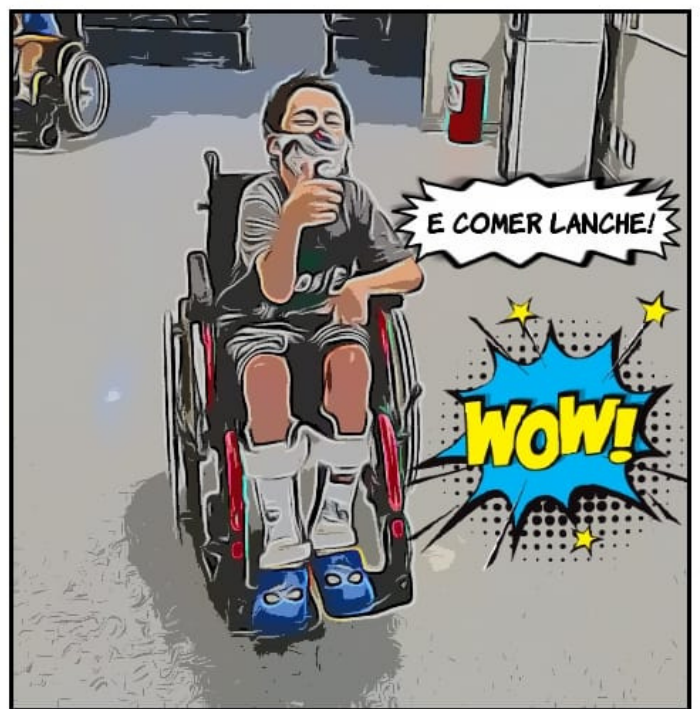


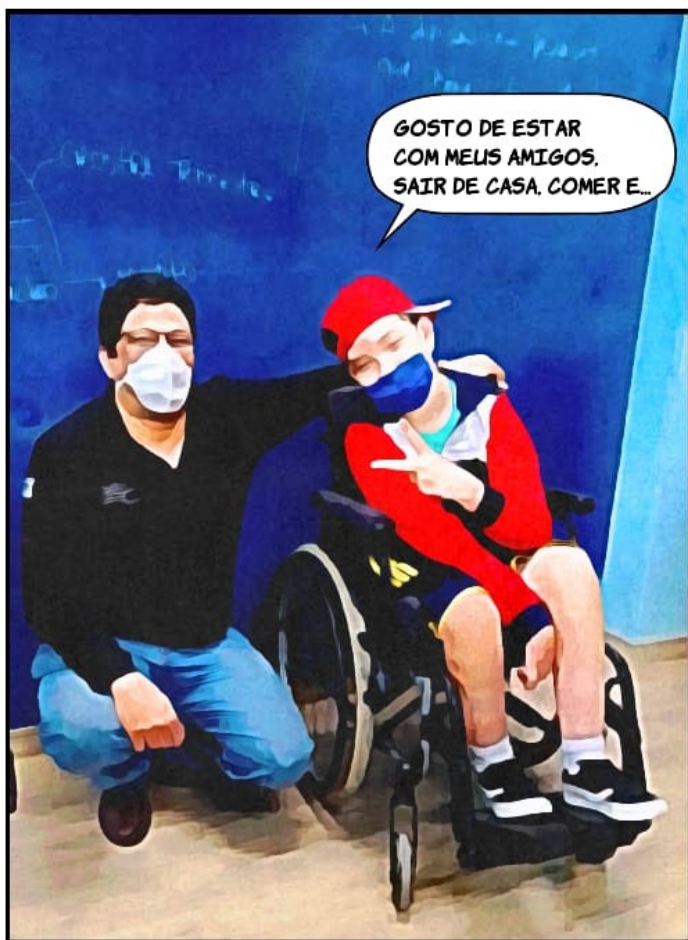
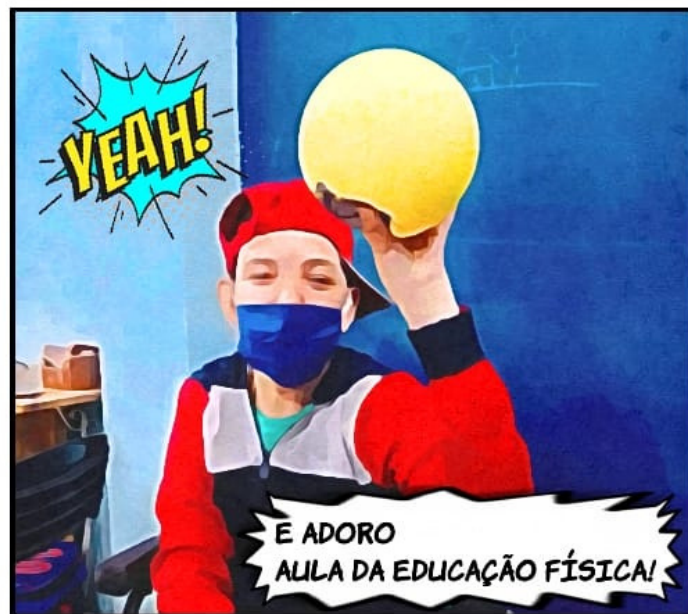
AUTOR DA FOTO: CEU EMEF MARIA APARECIDA DE SOUZA CAMPOS

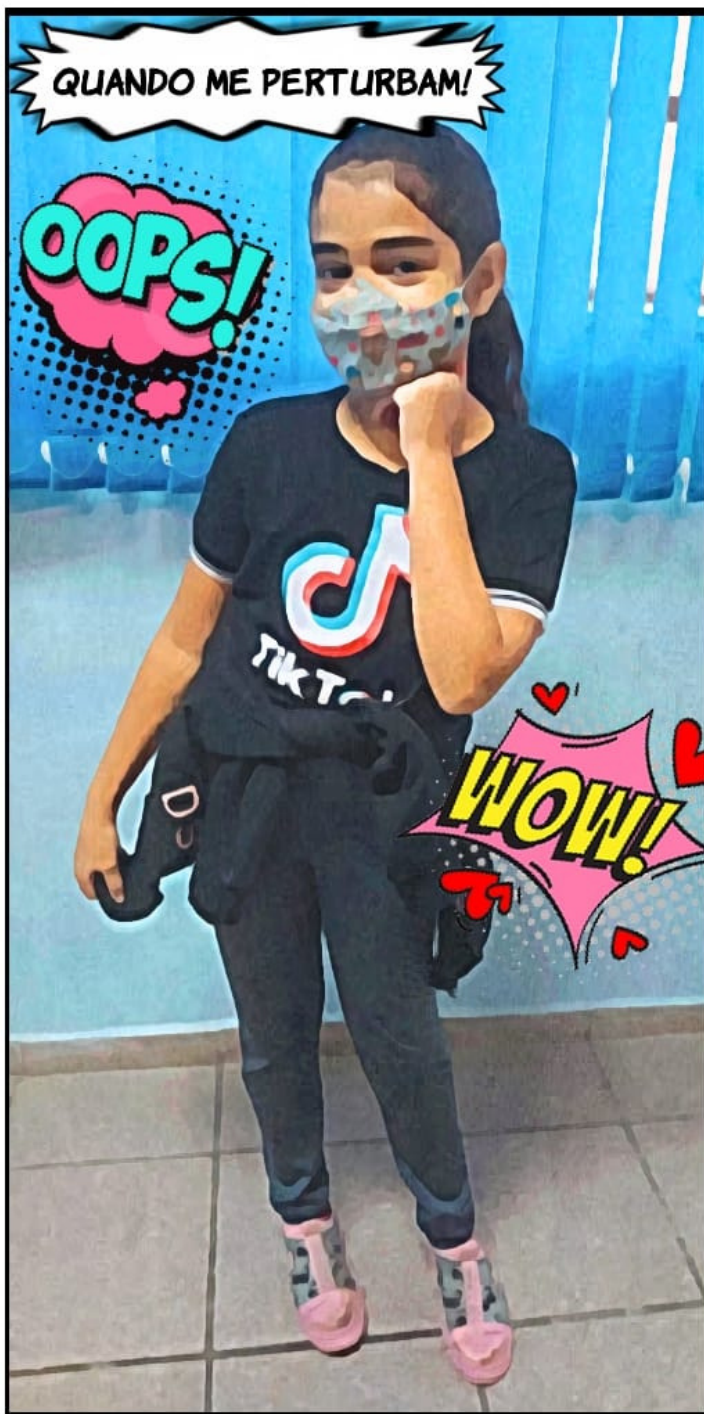


**AVENTURAS NA EDUCAÇÃO
ESPECIAL**

**CAPÍTULO DE HOJE:
A VOZ DO ESTUDANTE**

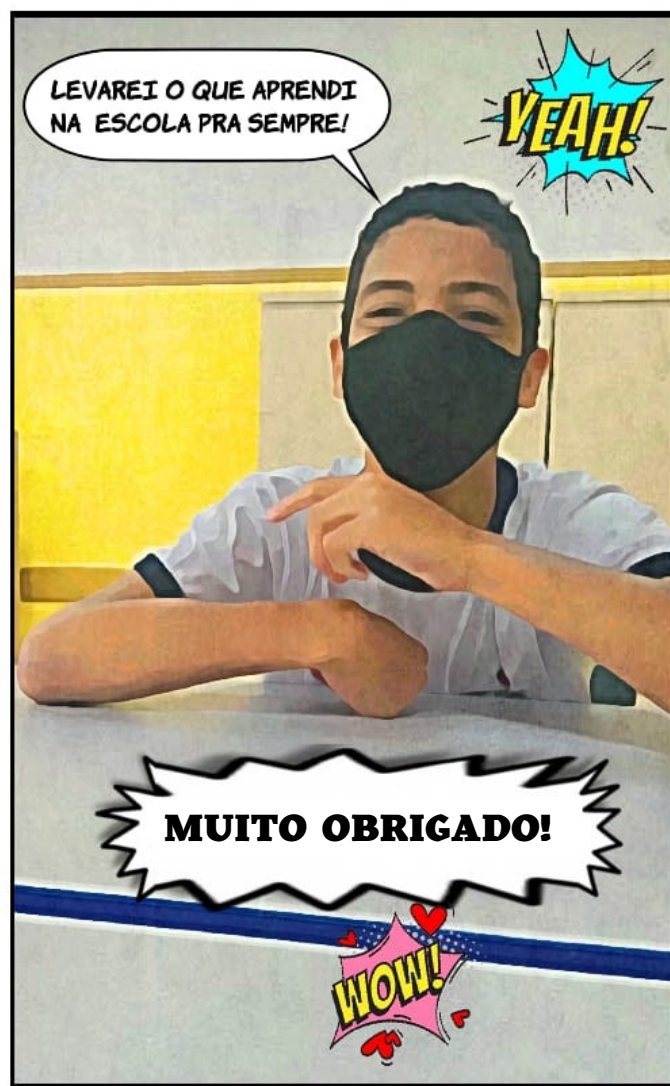












OUCH!



